

100

POESIAS
DE
FRANCISCO
MANOEL GOMES
DA SILVEIRA MALHAÕ

Com as posthumas de seu Irmaõ

ANTONIO GOMES
DA SILVEIRA MALHAÕ

Offerecidas

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. MIGUEL
ANTONIO DE MELLO.



COIMBRA:

Na Real Imprensa da Universidade, Anno
de 1787.

Com Licença da Real Mesa Censoria.

FOR SALE

THE PROPERTY OF

THE

UNIVERSITY OF

OXFORD

PRINTED BY

THE

UNIVERSITY PRESS

OXFORD

1900



DEDICATORIA.

Sempre os Grandes se buscaraõ
 Para Mecenas; Senhor,
 Pois grandes Pays te geráraõ,
 Já debes ser Protector
 De alguns, que as lyras pulsáraõ.

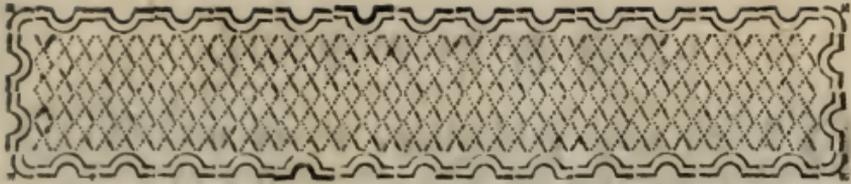
Eu que da tua amizade
 Tenho provas naõ pequenas,
 Tomo a justa liberdade
 De chamar-te o meu Mecenas;
 Na tua primeira idade.

E estas Poefias, Senhor,
 Testemunhas verdadeiras
 De meu mal logrado amor,
 E das horas lizong~~iras~~,
 Em que o vi a meu favor;

Ao som da lyra traçadas
 Nessas horas de socego,
 Que poucas me foraõ dadas
 Do meu Regaça, e Mondego
 Nas campinas dilatadas!

Debaixo do teu amparo
Me animo a da-las ao prelo,
Pois contra qualquer reparo
Valha-lhe o nome de *MELLO*,
Se lhe foi Apollo avaro.

E se a Critica mordaz,
Que o fam, e podre carcome,
Vier c'o dente roaz,
Respeite aqui o teu Nome,
E deixe-as correr em paz.



LIVRO PRIMEIRO
 DAS
 POESIAS
 DE FRANCISCO MANOEL
 GOMES DA SILVEIRA MALHAÕ.

S O N E T O I.

EM teus gestos galantes reflectindo,
 Largos dias passei, Marilia, attento;
 E de ouvir-te meu rude entendimento,
 Por nova arte d'amor, se foi pulindo:
 Já n'alma debuxava o rosto lindo,
 E dos olhos o errante movimento,
 E por elle, mais leves do que o vento,
 As Graças já descendo, já subindo.
 Fui depois com palavras retratando,
 Tudo aquillo, que dentro de si vira,
 A minha alma abrazada em ti pensando;
 Amor'entaõ me deu o plectro, e lyra,
 Mandou-me tuas graças ir cantando,
 E poeta me fez de quem me inspira!

SONETO II.

DE teu rosto , Marilia , a cor nevada ,
 O vermelho da face graciosa ,
 Elle foi futil roubo feito á roza ,
 Ella á neve dos Alpes foi roubada :
Os bons olhos , a bocca delicada
 Foraõ prenda de Venus generosa ,
 A teu corpo gentil cintura airosa ,
 Pelas Graças risenhas foi moldada.
A' neve restitue a sua alvura ;
 O que Venus te deu seja-lhe dado ;
A' roza a cor , ás Graças a cintura ;
E virás a ficar em tal estado ,
 Que só contes de teu , Marilia dura ,
 Hum coração de marmore formado !

SONETO III.

DAs mãos do Tempo , que apressado voa ,
 Roubou Amor hum *Dia* , e satisfeito
 Ora o beija , ora aperta no seu peito ,
 Ora de brancas rozas o coroa !
Alegre parte ao monte , que povôa
 O coro , que a *Accidalia* está sujeito ;
 E contente do roubo ha pouco feito ,
 Entre as Graças , furrindo-se , revoa.
Que tens ? a Mãy pergunta : obedecendo ,
 O farto mostra , e brada : He este o *Dia* ,
 Que a formosa Marilia vio nascendo !
Encheu-se a Mãy , e as Graças de alegria !
 E Amor vaidoso , as azas estendendo ,
 O leva , onde não chega a morte fria !

DE MALHAÕ.

7

SONETO IV.

GEntil Marilia, quando me appareces,
 Sem outro ornato, mais que as brancas flores,
 Que prendes no teu peito, onde os amores,
 Esquecidos das flexas, adormeces;
 Taõ galante, ó Pastora, me pareces,
 Que da Cidade os ricos moradores
 Tezoiros entre si não tem melhores,
 Do que effes, que em teus olhos nos offreces!
As simples arrecadas, que tocando,
 Sobre teus hombros cheios de pureza,
 Nova graça, entre a neve, vão cobrando;
 Brancas peles, vestidos de pobreza,
 Postos sobre teu corpo, estão mostrando,
 Quanto he bela, sem arte, a natureza!

SONETO V.

BEm te entendo, cruel, queres-me preza
 A doce liberdade, e ver-me ufana,
 De teus golpes futís á furia insana
 O peito offerecer, mas sem defeza;
A troco de adorar tua beleza,
 Queres ser da minha alma soberana,
 E essa gloria fundar, que o mundo engana,
 De hum pobre coração sobre a fraqueza!
 Queres mais, se o juizo me não mente,
 Que esta vida cançada chegue ao fim,
 Sem hum' hora num dia ter contente;
 Sempre he ley o teu gosto para mim!
 Se gostas viva sempre descontente,
 O teu gosto se cumpra, seja assim.

SONETO VI.

Que Marilia prejura me deixasse,
 Depois de me estimar, como dizia!
 E que obra de tres lustros, num só dia
 Com seu braço a fortuna arruinasse!
 Se eu ás minhas promessas lhe faltasse,
 Desculpa a deshumana vil teria;
 Mas eu que não faltei? foi tirannia,
 Que amor de tantos annos malograsse!
 Que heide agora fazer? fim me procura,
 Eu a estimo inda agora, mas então
 Amar quem me deixou não he loucura?
 Constancia, afflicto, e honrado coração,
 Não queiras prevaleça a formosura
 Aos dictames da honra, e da razão!

SONETO VII.

Quis Amor a seu jugo sujeitar-me,
 De que humano até aqui ja mais livrou,
 E com figo mil meios estudou
 De poder a vontade captivar-me:
 Quis com vans esperanças engodar-me,
 Mas os fructos não teve que pensou;
 Sutil laço por sua mão me armou,
 Mas eu sube dos laços desviar-me:
 Mostrou-me de Natercia o rosto puro,
 E a pezar de galante, airosa, e bella
 Fugi della, innocente do futuro!
 Agora que de amor ardo por ella,
 Por castigo Natercia em vão procuro,
 Pois não consente Amor, que torne a ve-la!

SONETO VIII.

NO regaço de Venus reclinando,
 Amor o lindo rosto suspirava,
 A Mãy no triste pranto, que espalhava
 O candido sendal hia infopando:
 Da frente as loiras tranças arredando,
 Nas faces rubicundas o beijava,
 E de seu pranto a causa proguntava;
 Ao que Amor respondia soluçando:
 Choro, querida Mãy, meu proprio damno,
 Pois o rosto perdi mais delicado,
 Com que dos corações me fiz tyranno!
 Liguei Jozina em Hymeneo sagrado,
 E por fazer feliz hum só humano,
 Fiz o resto dos homens desgraçado!

SONETO IX.

Inconstante rapaz, cruel vendado,
 Para que venturoso me quizeste;
 Se hum momento de gloria, que me deste,
 Em dias de amargura tens mudado?
 Por que fim as delicias do passado,
 Tanto ao vivo na idêa me escreveste,
 Senão para que o mal, que me fizeste,
 Na lembrança do bem, fosse dobrado?
 Pois se o bem me levaste, que podia
 De meu destino os golpes suspender,
 Tua raiva de todo em mim facia!
 Aqui te venho o peito offerecer,
 Esta vida me tira, que devia,
 Quando Altea perdi, tambem perder.

SONETO X.

A I Jozina gentil, que os duros Fados
 Contra nós se declaraõ, vem voando
 Huns annos apos outros, e tardando
 De nosso amor os dias deseçados!
Eu cuidei, que dois annos acabados,
 Acabara o desterro duro, em que ando!
 Mas inda no Mondego heide ir passando
 Tres Invernos compridos, e pezados!
E talvez, que esta conta me desfação
 Da ventura cruel as mãos mesquinhas,
 E que de hum mal immensos males nasção?
 Não esfries porém na fé, que tinhas,
 Que inda espero ditozo os Ceos me fação,
 Por teres parte nas venturas minhas.

SONETO XI.

Na morte de seu Irmaõ.

A Migos do Malhaõ, o tenue fio,
 Que em dias mãos Lachezis lhe fiara,
 A crua Irmaã cortou co' a mão avara,
 E na terra descansa o corpo frio.
Os louros, que do Pindo o claro rio
 Para a frente cingir-lhe, em vão regára,
 Murcharaõ todos; e na patria cára,
 Para a minha enramar, ciprestes crio.
De Jove as filhas, cheias de amargura,
 As crespas tranças d' oiro desgrenhando,
 Choraõ tristes ao pê da sepultura!

Lamen-

Lamentemos o cazo miserando,
Em quanto, d'entre as maõs da Parca dura,
Hum dia igual a nós não vem voando!

SONETO XII.

Ao mesmo assumpto.

CAminhante, esta pedra dura encobre
Hum Vate, em tenra idade a nós roubado;
Na patria perseguido, ao longe amado,
Por fóra rico, mas na patria pobre:
Guardou sempre no peito huma alma nobre,
Apezar d'incostancias de seu Fado:
Ah pastor, perseguido, mas honrado,
Seja-te leve a terra, que te cobre!
Quis-te mal, quem atras de ti voava;
Amou-te, quem teus dons pezar sabia;
E tua Musa as boccas vis calava!
Levou-te em fim daqui a morte fria;
Pois hum Cantor, que os Cisnes imitava,
Em Obidos viver já mais devia!

CANÇÃO I.

A H Marcia deshumana , ah fementida ,
 Peito mais duro , do que o bronze duro ,
 Se julgas para amar extensa a vida ,
 Quem pode em teu amor viver seguro ?
 Ah Marcia deshumana ,
 Crocodilo enganoso , fera hircana !
 Onde estão as promessas , que algum dia
 A tua alma affectada me fazia ,
 Quando as mãos para o Ceo erguidas punhas ,
 Dando os Deozes , e os Ceos por testemunhas
 Da sua duraçãõ , não me diceste ,
 Quando astuta em cadêas me prendeste ;
 „ Nunca , Francino , o tempo estragador
 „ Fará leve mudança em meu amor !
 Ah , e quanto isto he facil de dizer-se !
 Parece escurecer-se

O dia pouco a pouco , a noite desce ,
 A noite intempestiva , e se esclarece
 A's vezes com relampagos brilhantes !
 Lá se escutaõ nos Ceos , inda distantes
 Rebramarem trovoês aterradores ,
 Treme , cruel , dos Deozes vingadores !
 Tu me diceste , ô como estou lembrado !
 Que estimavas em mais o pobre gado ,
 Que mesquinha a ventura me entregara ,
 Que o daquelle , que immensos campos ara ,
 Que comigo contente viverias ,
 Que outra alguma ventura não querias !
 Que amavel expressãõ !

Mas quanto desmentio na execuçãõ !
 Já cruel o meu gado não te agrada ,

Já comigo não es afortunada ,
Já fórmás , com ligeiro pensamento ,
Salas no ar , carroças sobre o vento !
Já do fundo da mízera choupana ,
Acreditas que desde o Guadiana
The ao Doiro , e do Doiro até ao Tejo ,
Tudo reges , e cumpre o teu desejo ;
Mas não creas a vaga fantasia ,
Que inda es a mesma , que eras outro dia !

Inda hum pobre pelico , inda hum cajado .
Huma choça de palha , hum breve gado
Faz a tua ventura , inda as cearas
Te verdejaõ no campo muito raras !

Mas se outros novos mundos imaginas ,
De hum Etonte te agarra ás soltas clinas ,
Vôa lá , dominando o mar , e o vento ,
Vive lá , que eu com este me contento !
E aqui livre de ver-te , e a teus enganós ,
Alegre passarei aquelles annos ,
Que dar-me te lembrou de liberdade :
A Deos Marcia , receia a Divindade ,
E depois de medir tão longo espaço ,
Esquece-te de mim , que o mesmo faço .

Se vires a prejura ,
De seus olhos fugir , Canção , procura .

CANÇÃO II.

J A , formoza Pastora ,
 Nos limpos Horizontes
 Affouta o Sol brilhante
 Os fervidos Etontes ,
 Sem temer , que girando a nuvem grossa
 Ocultar sua face alegre possa.
 Horrendas tempestades
 Distantes de nos bramaõ ;
 As aves agoireiras
 Alegres dias chamaõ ;
 Chega Mayo , de flores coroado ,
 A' May de Amor , e ás Graças consagrado:
 Desce Pastora amada ,
 Vem ver os ferteis prados ,
 Que ha pouco de aguas turvas
 Estavaõ inundados !
 Já de novo as campinas reverdessem ,
 E entre a relva , que ondêa , as flores crescem:
 Jozina , comeffemos.
 D' Amor a doce lida ,
 Que o tempo a ledos cantos
 De novo nos convida ;
 Conversemos da faia á sombra fria,
 Em trato honesto , em casta companhia.
 Em quanto as mansas rezes
 Ao longe vaõ pastando ,
 E os paçaros nos bosques
 D' amor estaõ tratando ,
 Sobre a relva mimoza nos sentemos ,
 Se elles trataõ d' amor , d' amor tratemos.
 Aqui , onde eu ha mezes

Te dice mil amores ,
 E rocas te lavrava ,
 E festas de mil cores ;
 Jozina , aqui te espero ; ah doce bem ,
 Naõ tardes hum instante , a ver-me vem.

Mas Jozina formoza ,
 Quem he que te demora ?
 Negar-me acazo intentas
 De ver-te a feliz hora ?

Naõ me canfes de olhar á quelle monte ,
 Donde fazes caminho á fresca fonte.

Naõ sejas desses peitos
 Amigos da mudanca ?
 De Amor ás santas aras
 Caminha alegre , e mansa :

A solta liberdade naõ dezejes ,
 As cadêas de Amor he justo as beijas ;

Ja por esta espessura
 O resto dos pastores ,
 Ao lado das ferrañas
 Renova seus amores !

Aqui perto ouço Fido a par de Altêa ,
 Aqui Tysbe , e Dorindo , e tu na aldeã ?

Ingrata , dar-se-ha cazo ,
 Que o fogo se apagasse ,
 Ou que por outro objeto
 No peito se ateasse ?

E possivel será , que eu veja roros
 Tantas juras tremendas , tantos votos ?

Mas quem ligeiro pensa ,
 C' os erros sempre atina ;
 Fugi crueis ciumes ,
 Que ao longe vem Jozina.

Descansa coração , que no seu rosto
 Vem brilhando a constancia , o rizo , o gosto.
 Vai Canção , e dirás aos mais pastores ,
 Que também sou feliz c' os meus amores.

C A N Ç A Õ III.

S E quando te adorava ,
 Alguem me predicesse ,
 Que o tempo inda faria ,
 Que a fé , que em nós ardia ,
 De todo arrefecesse ;

Crè Marcia deshumana ,
 Que ou isto entãõ não crêra ,
 Ou quando o acreditasse ,
 Se a dor me não mataffe ,
 De pena enloquecera !

Pois como aconteceu ,
 Que tempo em fim viesse ,
 Emque os sagrados votos ,
 Tyranna , vendo rotos
 De afficto não morresse ?

Naõ sei , como isto foi !
 He certo que te amei ,
 Quanto sabes , mas agora
 Se me lembras , nem huma hora
 Chorar por-ti ja sei.

Se , quando me deitava ,
 Ao cerebro revolto
 O Sono prohibias ,
 Ja posso as noutes frias
 Dormir a sono solto.

Se acazo algumas vezes
Esta alma descansava,
Tyranna, ainda entãõ
Escravo da paixãõ,
C'os meus grilhoens sonhava!

Agora Laxo durmo;
Pois falsa, da vontade
Já como Rey disponho;
E se inda ás vezes sonho,
Só sonho liberdade.

Entãõ no teu semblante
Formozo tudo via
Se a boca menos bela,
Se ria, rir-se nella
Amor me parecia.

Agora, se te vejo,
Nos olhos, no cabelo;
Na face, e branco peito
Se tens algum defeito,
Já chego aconhecelo.

Bem hajam teus enganõs;
Que a paz ao coraçãõ
Aflito me trouceraõ,
Enganõs teus me deraõ
A posse da razaõ.

Cançãõ refere á gente
Que vivo ja contente.

I D I L I O 1.

F I L E N O , E L I D I A .

Filen.

A Qui por onde o liquido Regaça
 Revolve a fulva arêa,
 E co' as fontes, que em seu caminho encontra
 Mistura a fresca vêa,
 Sentemo-nos ó Lidia, amada Lidia
 A' sombra deste ulmeiro,
 Em quanto nos permite hum bem taõ raro
 O tempo lizongeiro.
 Mas hade o tempo, que apressado vóa
 Por huns breves espaços,
 Roubar-me a tua viãta, ha de arrancar-te
 De meus amantes braços?
 A ti, a quem da minhã tenra infancia,
 Sube adorar the'gora,
 Heide perder-te! has de ir-te para os campos,
 Onde sem fim se mora!
 Sentença dura, mizero Fileno,
 Amores mal logrados!
 Deixa' ao menos fatar de ver teus olhos,
 Meus olhos desgraçados?
 Ah Lidia, e quando nós na choça pobre
 Carpindo, inda pequenos,
 Só de ver-nos, os rostos lagrimozos,
 Tornava-mos serenos!
 Recordas-te da vez, a vez primeira,
 Já quando mais crescidos,
 Eterna fé jurámos, entre doces

Abra-

Abraços, e gemidos!
 Mas ai, que se a lembrança do passado,
 A gloria do presente
 Me consolaõ, a idêa do futuro
 Me torna descontente!
 Porém Lidia tu choras? ah! suspende,
 Suspende o amargo pranto!
 Não estragues teus olhos, esses olhos,
 Que esta alma alegraõ tanto.
 Passarinhos sonoros, quanta força
 O canto voffo tem
 Empenhai-a nesta hora, passarinhos
 Vinde alegrar Meu Bem!
 Toma Lidia esta candida affocena;
 Repara quanto he bella!
 Ah! formoza, Pastora, bem desta alma
 Tu hes retrato d'ella.

Lidia.

Sim querido Fileno, eu' sou retrato
 De taõ mimoza flor?
 Mas d'outro modo, do que a ti me pinta
 O teu ardente amor.
 Linda affocena, produçaõ mimosa
 Da fimplez natureza?
 Co' hum leve sopro de favonio brando
 Morre a tua beleza!
 Assim de Lidia a face o tempo leve
 Com sua mão transforna,
 E o que foi doce enlêo de Fileno
 Em folto pó se torna!
 Mas Fileno tu choras? ah suspende
 As inuteis correntes,
 Não faças mais, co'pranto de teus olhos;
 B a Meus

Meus olhos descontentes !

Fileno.

Deixa tristes idéas , Lidia attende
Das Driadas os coros ,
Os rios cristalinos , ouve o canto
Dos passaros sonoros.

Lidia.

Deixa tristes idéas , vê Fileno
Tantas mimosas flores
Por toda a parte escuta descantando
Serranas , e Pastores.

Fileno.

Ah Lidia , solta a vóz , o vento prende
Ao som desta corrente.

Lidia.

Alegra-te Fileno , se a alegria ,
De ouvir-me está pendente.

C A N T O .

1.

2.

Fresco Regaça ,
Que brandamente
No mar ingente
Vais descansar,
Ouve os suspiros ,
Que solto ao ár.

Vio-me Cupido
Nos tenros annos ,
E seus enganos
Fez-me abraçar ;
Colhi por fruto
Só suspirar.

Do

3.

Do meu Fileno
 Doces abraços,
 Por mais espaços
 Quer-me negar;
 Minha ventura
 Vejo acabar.

5.

Seus lindos olhos
 Haõ-de fechar-se;
 Haõ-de occultar-se;
 E naõ tornar!
 Ah! tudo a morte
 Sabe acabar!

4.

Mal me permite
 Com triste aspecto
 Junto a seu peito
 Vir suspirar
 Oh! quem podera
 Nelle acabar.

6.

Vós lizos troncos
 Vos desfolháes;
 E d'outras folhas
 Vos adornaes,
 Olhos que morrem
 Naõ brilhaõ mais!

I D I L I O II.

E Ra alta noite, e os ventos rugidores,
 Por entre os bastos ramos murmurando;
 Faziaõ triste o bosque: dos pastores
 Naõ soava o tumulto; só bradando
 Ao longe o mar na vasta praia fria,
 De mais horror o fundo vale enchia,

2.

Da Lua prateada os raios froixos
 Pelo espelho das ondas reluziaõ,
 E das lapas fragosas tristes moichos
 Ao som do vento lugubres gemiaõ :
 Os rios d'altas fragas estalavaõ,
 Garrulas rãas os lagos atroavaõ.

3.

Humana voz nos montes não soava !
 Todo o pastor na choça adormecido
 Das fadigas do dia descansava :
 Só no meio da noite o triste Alcido,
 A quem descanso Amor já mais consente,
 Suspirava da sua Marcia auzente.

4.

Dos pastores fugia, e por vontade
 Nas dezertas montanhas habitava ;
 Onde, á força de ardente saudade,
 Noite e dia suspiros espalhava !
 Vozes a que no horror da noite fria
 Echo sómente ao longe respondia !

5.

Com tremula expressão d'amor nascida,
 Começava a queixar-se, e ao mesmo instante
 A lingua preza, a voz interrompida
 Não deixavaõ seus ais passar á vante ;
 Só Marcia a muito custo proferia,
 E nas faces o pranto lhe cahia.

6.

Marcia, torna a dizer mais forte Alcido ;
 E os cavados penhascos encontrando
 Taõ doce nome, torna ao seu ouvido,
 E vai de monte, em monte resoando !

Mar-

Marcia , clama o pastor , e os fundos vales
Dizendo Marcia , avivaõ mais seus males !

7.

Até que no feu pranto alivio achando]
A' suspenção , que a voz lhe fofocava ,
Miudamente ainda suspirando
Ao som rouco de hum rio , que passava
Onde eu só , por acazo a voz lhe ouvia ,
Começou de queixar-se , e assim dizia =

8.

Ah Marcia , linda Marcia tu contente
Talvez passes o tempo , em que eu padeço ,
E te entregues ao sono indifferente
Na lembrança de Alcido ! aquelle excessõ
Da faudade , a que amor me tem levado ,
Julgo por ti já mais terá passado !

9.

Talvez que nos serões da nossa Aldêa
Em jogos divertida a noite passes ,
E que Alcido naõ suba á tua idêa !
Ou quando suba pouco te embaraces ,
Que elle prove os revezes da ventura ,
Que viva alegre , ou cheio d'amargura .

10.

Quando eu triste buscando a terra estranha
Os meios de gozar-te aproveitando ,
Da barbara indigencia exposto á sanha
Meus dias vagarosos vou passando ,
Qual lavrador , que súa hum anno inteiro ,
Para hum dia entrar ledo no celeiro .

11.

Mas quando virás tu , ô feliz hora !
Em que findo o degredo em que me vejo ,
Veja

Veja o rosto da mais gentil pastora,
 Que vio o Lima, o Liz, o Doiro, e Tejo:
 Ah que inda não semeia o ceareiro,
 E hade o trigo encanecer primeiro!

12.

Inda o bosque de folha está cingido,
 E primeiro que chegues, pela terra
 Hade lança-la, e de outra ser vestido;
 Inda se hade ver nua, e verde a ferra;
 E cedendo ao verão, e inverno frio
 Hade turvo correr, e manço o rio.

13.

E talvez, que vencendo o meu trabalho,
 Rezistindo a meus fados violentos,
 Bem como em monte erguido alto carvalho
 Exposto á furia dos ferozes ventos,
 Torne a ver-te, e te encontre fementida,
 Das promessas, dos votos esquecida.

14.

Mas, pastora, primeiro a desventura
 Dispare raios: morra embora o gado;
 Os meus campos não s'enchaõ de verdura,
 Veja-me inda em mais triste, e pobre estado,
 Que isto póde huma vez recuperar-se,
 Mas outra, como tu, não póde achar-se!

15.

O' quanto me pessuem meus enganos!
 Não es tu Marcia aquelle peito forte,
 Que dá provas de firme ha tantos annos,
 Contra os lances da minha infausta forte?
 Es firme; mas minha alma ao mal affeita,
 Inda o que he bom, se troque em mal, suspeita!

16.

Temo, por isso mesmo, porque amante
 Me estimas, tente a minha forte dura
 Da virtude esquecer-te de constante:
 Não porque a tua fé não seja pura,
 Mas como della pende o ser ditozo
 Alcido, o teu amante desditozo,

17

Receio que a distancia, que tem fido,
 (Segundo a fraze de anciãos pastores)
 A causa de se terem divertido
 A nova parte tantos amadores,
 O principio fatal seja de agora
 Te esqueceres, de mim, gentil pastora!

18.

Mas não discorro bem; eu me parece
 Ouvir a tua voz, e reprimir-me:
 Eu te escuto, ó cruel, tudo te esquece?
 „ Soube Marcia já mais não ser-te firme?
 „ Não tens já mil exemplos, que a distancia
 „ Duvidosa não faz minha constancia?

19.

„ He esta a vez primeira, que apartado
 „ De meus olhos te vez na alheia terra?
 „ Acazo meu amor viste mudado
 „ De teus rivaes exposta á dura guerra?
 „ Dize-o tu mesmo, he esta a vez primeira
 „ que vais apascentar n'outra ribeira?

20.

Alcido, louco Alcido, que mais queres?
 Não crêas nos adageos dos pastores,
 Que as pastoras nem todas são mulheres!
 Não muda Marcia, Marcia he teus amores,
 Antes

Antes ella se teme que a distancia
Talvez te apague a fé, mude a constância.

21.

Com razão discorreras desta forte,
Zelosa Marcia, a não te recordares
Ter-te dado de amor prova a mais forte,
Vivendo em remotíffimos lugares;
O fresco Arunca, que habitei primeiro
Sabe se o meu amor foi verdadeiro.

22.

Quantas vezes nas margens recostado,
A' sombra do alto arbusto, que as guarnece;
Teu nome repeti! inda gravado
De huma faia no tronco permanece:
Marcia bella eu o vi, eu o beijeï,
Quando, passado tempo, ali tornei!

23.

O rugidor Alcoa, o fresco Baça
Testemunhar-te póde esta verdade,
Margens aonde Amor almas enlaça
Com tal geito, com tal suavidade,
Que se eu de teus bons olhos me esquecera,
Quantas vezes de novo me prendera!

24.

A Serra, que á de Cynthia está fronteira,
Taõ celebre por seus novos pastores,
Póde ser testemunha verdadeira,
Se acazo Alcido teve outros amores:
O Tejo o diga, dize-o tu Mondego,
Em cujas margens vivo sem socego.

25.

Nem eu Marcia, de ti queixar-me devo,
Nem tu Marcia do desgraçado Alcido,

A tanto minha amada não me atrevo :
Só me queixo do fado indurecido ,
Que faz com que eu não possa em braços ter-te ,
Sem passar pela magoa de não ver-te.

26.

Ao longe estendo os olhos, não alcanço
Os fundos valles, onde te avistava,
Nem da fonte o pacifico remanso ,
Onde contigo ás féstas conversava:
Sim vejo campos frescos, dilatados ,
Mas não vejo teus olhos engraçados ,

27.

Aqui também murmura a fonte fria ;
Tambem daõ sombra os alamos frondosos ;
Alegra o bosque a doce melodia
Das aves innocentes, sonorosos ,
Os pastores descantaõ ; mas pastora ,
Onde tu não estás, graça não mora.

28.

Isto em vez de alegrar-me, me entristece ;
Tudo me enche de horror, pois te não vejo !
Só quando sobre a terra a noite desce
Ouzo sahir, que em fim até me pejo ,
Entre tanto pastor afortunado ,
Ver-me eu só da tristeza dominado !

29.

Unico alivio de meu mal penoso
He, vendo a terra em sombras envolvida ,
Chorar ao som do rio caudaloso ,
Que a funebre tristeza me convida :
Onde em teu lindo gesto imaginando ,
Lhe vou co' pranto as aguas misturando.

Assim

30.

Affim consumo os meus pezados dias;
 Affim as noites passo afficto, e triste;
 E te alegre comtigo lá me vias,
 Quam differente estou do que me viste!
 Vê-me, e conhecerás do meu estado,
 Se Alcido vive, ou não, de ti lembrado.

31.

Mas ah porque me canço! a quem confio
 Os meus males, a minha desventura?
 Se só me attende a margem deste rio,
 O vale escuro, a penha erguida, e dura!
 Alcino, Alcino! Marcia não te escuta,
 Outra vez te recolhe á funda gruta =

32.

Disse: e logo o caminho foi seguindo
 Para a concava gruta, onde habitava;
 Da sua Marcia o nome repetindo,
 Muitas vezes os passos demorava,
 Para ouvir refoar na margem fria,
 Do écho a voz, que Marcia repetia.

I D I L I O III.

Fabula de Leandro, e Hero.

Por ermas praias vagando,
 D'entre Cesto, e d'entre Abido,
 Leandro, em Hero pensando,
 Ser-te o mar infurecido
 Grossas ondas levantando.

A nado intenta lançar-se,
 Como outras vezes fizera;

Tres vezes vai a arrojarse ,
 Tres vezes medroso espera ,
 Já quer ir , já quer ficar-se.

Com ternos votos procura
 Amançar Neptuno fero ,
 Que revoltoso murmura ;
 Saudades o chamaõ de Hero ,
 Medo da morte o segura.

Bravo mar , ventos traidores
 (Banhado em pranto dizia)
 „ Abrandem-vos minhas dores ,
 „ Doa-vos minha agonia ,
 „ Pois tambem sentis amores .
 „ Rizonha Venus , que podes
 „ Tornar leite o mar erguido ;
 „ Pois que aos amantes acodes ,
 „ Por teu Adonis querido
 „ Pefso , as ondas acomodes.

Disse : e o corpo ao mar lançando ,
 Os pés , e as mãos esforçadas
 Ora abrindo , ora fechando ,
 Busca as praias dezejadas ,
 Onde a luz o está chamando.

Em quanto as ondas cortava ,
 (Que he de folicito amor)
 Cad' onda que rebentava ,
 Era huma setta de dor ,
 Que d'Hero o peito rasgava !

Muitas vezes maldizendo
 A hora , em que lhe accendera
 A luz , a ella correndo ,
 Assopra-la entaõ quizera ,
 Mas Amor ia-a sustendo.

D'alta torre debruçada,
 A' praia applicando o ouvido,
 Sómente d'agua agitada
 Ouvia o rouco estampido,
 Soar na penha cavada.

Sagrados votos firmava,
 Por ter os Deozes propicios;
 E tanto mais se alterava
 O mar, tantos sacrificios,
 Venus' bela, te jurava!

Quantas pombas innocentes,
 Pelos pés prezas aos pares,
 De seu sangue nas correntes
 Banharião teus altares,
 Se ouvisses votos ardentes?

Mas tu Deoza infurdecida
 A seu rogo estás tambem;
 Leandro, sobre onda erguida,
 Vencido do mar, sustem,
 Por breve momento, a vida!

Os froixos braços movendo,
 Sóbe sobre o mar turbado;
 Mas as ferras desfazendo,
 Resvala precipitado
 Ao centro escuro descendo!

Ondas o trazem de involta
 Outra vez do mar ao cume;
 Para a praia os olhos volta,
 E vendo na torre o lume,
 Meio vivo as vozes solta:

Hero disse: não espero
 Ver-me já mais nos teus braços!
 Não... e dando-lhe o mar fero

Espirou; alguns espaços
Repetindo o nome de Hero!

Grossos ares defunidos,
Concedêraõ livre estrada
A seus ultimos gemidos;
De Leandro a voz cansada
Foi tocar nos seus ouvidos.

Treme a mizera donzella,
E frenetica delira!

Debruça-se da janella,
Affirma-se no que ouvira,
E ouve a medonha procella!

Desgrenha a trança anelada,
Começa o rosto a ferir,
Vai dentro dezesperada,
Outra vez se poem a ouvir,
E ouve a tempestade irada!

Os alvos braços cruzando
Sobre a estreita gelozia,
Nelles a frente encostando,
Com seu pranto a pedra fria
Longo tempo está banhando.

Em quanto chora, e Amor
Na sua afflicçaõ accuza,
Ouve o galo espertador,
E vé huma luz confuza
Surgir da terra em redor.

O pensamento cansado
Delirando a cada instante,
Lhe pinta desfigurado
O seu desditoso amante,
Na praia nua arrojado.

Acredita ser engano,

Que

Que lh'anda a ventura urdindo ;
 Mas pouco , a pouco em seu damno
 Vai hum vulto descobrindo ,
 Em fórma de corpo humano.

Retira os olhos afflicta ,
 Desenganar-se não quer :
 Fere o peito , geme , grita ,
 E vai entre fusto a ver ,
 Se he certo , o que a alma lhe dita !

Nisto a escassa luz crecia ;
 E c^o os olhos disgraçados
 Corpo humano destingua ,
 Hirtos os braços cansados ,
 Na arêa c^o a boca fria !

Eis huma onda furiosa
 Soberba dentre outras nasce ,
 Róla na praia arenosa ,
 E faz , que a palida face
 Lhe veja Hero desditosa.

Vê , treme , chora , delira ,
 Rasga o peito delicado ,
 E cheia de amor , e de ira ,
 Co^o os olhos fitos no amado
 Da torre á praia se atira.

A rouxa Aurora subio
 Sobre os montes mais erguidos ,
 E quando os amantes vio ,
 Por amor na morte unidos ,
 Com magua os olhos cobrio !

A' nua praia acodiraõ
 D'alta Abido os moradores ;
 Hum mauzoleo lhe erigiraõ ,
 E longo tempo os amores

De Hero, e Leandro carpirãõ.

Aquelle, que a Amor tem já
Seu coraçãõ entregado;
Repare hum pouco, e verá
Neste cazo dezastrado,
Os bons premios, que Amor dá!

E P I S T O L A

*Ao Excellentissimo, e Reverendissimo
Senhor Bispo de Beja.*

SE me ponho a pensar nas desventuras;
Que tem por mim passado;
Nos disgostos, trabalhos, e amarguras;
Que a fortuna contraria me tem dado;
Nas terras apartadas
Por mim perigrinadas,
E me lembro dos tempos, que ligeiros
Por mim voáraõ, quando lizongeiros
Prazeres meus dezejos me cumpriaõ,
E sempre diligentes
A mil diversos gostos descobriaõ,
Com qu' a alma me alegrassem,
E das glorias do mundo me fartassem;
A tal estado chego,
Que apezar do continuo dezapego,
Com que vejo do mundo o falso encanto;
Amargo, e frio pranto
Dos olhos me rebenta,
E pouco a pouco a magoa se acrescenta
Na lembrança do bem por mim passado,

E do mal que me traz atormentado !

Invejo aquelle esp'rito

D'alguns homens, que a fama nos tem dito,

Que dos teres do mundo se affastavaõ,

Que nas covas, e dornas habitavaõ,

Que as ervas só comiaõ,

E por vergonha apenas se cobriaõ !

Que á fortuna do mundo convidados

Pelos Grandes da terra,

Em seu louco systema embriagados,

Mais queriaõ viver na inculta ferra,

De tudo desprovidos,

Talvez sendo mais doce a seus ouvidos

O rugir dos Leões,

Do que as vozes dos homens, e mais grato

O seu ferino trato,

Do que tratar humanos coraçõs.

Se a tal filosofia

A minha alma, Senhor se acostumasse,

Talvez feliz passasse

Nestas faltas, que vem de dia, em dia :

Alegre entaõ veria

Descoberto meu corpo macilento,

E na falta sensível de alimento,

Pelas vastas campinas divagara,

E de bravas raizes sustentara

Este corpo, taõ mal acostumado,

Que me affroixa, em se vendo mal tratado.

Mas que, Senhor, por mais que me convença,

Que póde este systema

Fazer, com que eu não gema

Na fome gastadora, e sede intensa;

Se quero executa-lo,

A força me falece ao pratica-lo !
Raciocinando, vejo-lhe o proveito,
Aprovo esta doutrina em meu conceito,
Mas indo a dar principio á grande empreza,
Repugna-me a razaõ, e a natureza.

Enfina-me a verdade,
Que hum membro sou tambem da sociedade,
Que dos homens nasci, e que insensato
Seria, se deixasse o humano trato:
Pois inda concedendo,
Que podia co' o tempo ir-me afazendo,
A viver sepultado nos dezertos,
Ha mil principios certos,
Que este louco systema desvanecem:
Se d'homens homens crescem,
Se hum homem para si naõ só respira,
Daqui, Senhor, se tira,
Que este antigo pensar, affás errado,
Naõ se deve seguir; por mais de hum lado
Prejudica os Imperios; se os humanos,
Em seus primeiros annos,
Estudando consigo se ajuntaraõ,
Se as Cidades, e Imperios, ordenaraõ,
Por mostrar-lhe a razaõ, que deste modo
Podia ser feliz a parte, e o todo;
Conceder-me he forçozo, que ou razaõ
Os fez unir entaõ,
Ou que contra a razaõ as maõs se deraõ,
E que loucos a humanas leis cederaõ
A sua preciosa liberdade;
Mas fosse como fosse, he bem verdade,
Que já de seus direitos
Cederaõ todos, logo estaõ sujeitos

A guardar estas leis , que lhe tem posto
 Ou razãõ , ou capricho , ou proprio gosto ;
 E eu lei inda não vejo ,
 Que deixe a meu desejo
 Eximir-me d'aquella utilidade ,
 Que de mim pode ter a sociedade ,
 Que em todo o humano pode achar proveito ;
 Ou seja , que lhe diga de Direito ,
 Ou lhe vire com duro ferro a terra ,
 Ou lhe preste conselho em paz , e guerra ,
 Ou que as velas desfira ao vento iroso ,
 E lhe augmente o Comercio proveitoso .

He livre a cadaqual

Escolher destas quatro ; pouco val
 O conselho dos muito experimentados ,
 Só devem ser os genios consultados :
 O Macedonio fez tremer a terra ,
 Porque desde seu berço amava a guerra ;
 Em sabias leis Solon a Grecia honrava ,
 Porque a santa Justiça , e Paz amava .

Eu a idade cheguei , em que devia
 Algum rumo tomar ; eu bem podia
 Buscar minha ventura ,
 Volvendo a terra dura ,
 E ter a sociedade utilizado ,
 Semeando , e regendo o curvo arado :
 Mas para a vida , que feliz contemplo ,
 Em meus Pays não tive exemplo .

Eu podia tambem , forrando o peito
 De bronze triplicado ,
 Ir ver da Aurora o leito
 De estranhas mercancias carregado ,
 E respondendo o lucro ao meu desejo ,

Entrar rico na vasta fóz do Tejo :
Mas temi ser manjar de peixes brutos ,
Tratar homens astutos ,
Vastos climas correr dos meus distantes ,
E voltar , se voltasse , como d'antes.

Eu podia , Senhor , por muitas partes
De Bolona seguir os estandartes ,
Querendo a Patria honrar ,
Mas tem que desejar
O nosso Reyno em belicas façanhas ?
E quando a santa paz Nações eltranhas
Perturbem petulantes ,
Naõ posso dar a vida
Só por Deos , e por ella bem perdida ,
Supposto ao lado a espada naõ traçasse ,
Nem nos livros de Marte me alistasse ?
Posso , e quando preciso á patria seja
O valor , e a vontade me sobeja.

Mas eu , que da ventura
Fui sempre mal olhado ,
Resolvi-me a tomar aquelle estado ,
Aonde me parece ,
Que o merito á fortuna prevalece :
Sigo as letras , Senhor , mas de tal arte
A má ventura ostenta , em toda a parte ,
O seu duro poder para comigo ,
Que já por teima as figo ;
Pois nada tem mudado
De meu antigo estado ;
Antes dando-me mais conhecimentos ,
Daõ mais força a meus vivos sentimentos ,
Pois ninguem se entristece
Pela falta do bem , que naõ cõhece !

Lembro-me de haver lido
 De hum homem , que faltádo-lhe o juizo ,
 Tinha em sua loucura hum paraizo ;
 Vivia persuadido ,
 Que dava leis ao mundo , e quanto entrava
 N' uma barra vezinha , acreditava
 Pertencer-lhe ; partia-o de repente
 Com farta , Regia mão ,
 E da grandesa , posto que aparente ,
 Trazia satisfeito o coração.

Mas quis sua ventura ,
 Que tornasse ao juizo que perdera ,
 Por util , sabia cura ,
 Que hum Irmao compassivo lhe fizera ;
 Mal se vio sem os faustos , que cercavao
 A sua fantasia ,
 Sem as náos , que no porto lhe ancoravao ,
 Sem vassallos , e quanto lhe fingia
 Seu destemprado , e vago pensamento ,
 Cahio em tal tormento ,
 Que nada o consolava ,
 E contra a caridade
 De seu Irmao , afflicto blasphemava !

Aqui temos , Senhor , que o bem fingido
 Trazia aquelle peito consolado ,
 E mal que seu juizo lhe foi dado ,
 Começou de chorar o bem perdido !
 Tambem de igual maneira
 Das letras na carreira ,
 Tanto mais se me aclara a minha mente ,
 Tanto mais claro vejo
 O bem que me passou , e o mal presente !
 E já sei lastimar-me com juizo

Na falta de mil cousas , que precizo ,
Das quaes naõ carecera ,
Se quanto Deus me deu , mo naõ pozera
Nas fartas maõs de hum Pay , taõ mal seguro,
Amigo do presente ,
E taõ pouco lembrado do futuro ,
Que a tanta estranha gente
Os seus bens confiou , fiado em todos ,
E por bizzaros modos
Os mais aproveitou ,
E a seus filhos , e a si se defraudou !
E tantos cabedais ,
Que pouco lhe luziraõ ,
Com seus olhos luzindo vio nos mais ,
Que instante naõ perderaõ ,
Em quanto , como avaras sanguesugas ,
O sangue naõ beberaõ ,
Que podesse tirar-lhe ao corpo as rugas !

Affim , Senhor , se a mente me voltasse ,
Talves melhor passasse ;
Pois escaldada a minha fantasia
Algum prazer ao menos fingiria ,
Com que me entretivesse ;
Ou basta , que fizesse ,
Com que me naõ lembrasse do passado ,
Ou com que naõ pezasse ,
Em balanças fieis o meu estado !

Talves daqui presumas ,
Que me devora hidropico desejo
De vir a possuir riquezas summas ,
Ter mandos , e grandeza ?
Naõ por certo : apeteço aquelle estado ,
Que vai de hum homem cheio de pobreza ;

Athe outro de teres abastado ;
 Porque entre rico , e pobre
 Fortuna guarda hum meio ,
 Em que pode viver hum homeni nobre ,
 Sem andar mendigando o paõ alheio !

Só por este trabalho noite , e dia ,
 Servindo-me de guia
 O desejo , que n' alma está gravado ,
 De utilizar-me a mim , ao Rey , e Estado ;
 Ou seja da Justiça na regencia ,
 Ou defendendo a mizera innocencia ;
 Para o que me consumo sobre as leis ,
 Que aos povos venturosos
 Tem dado tantos Reis ,
 Da paz de seus vassallos cuidadosos.

Mas como a semjustiça ,
 O caprixo , e talvez cruel cubiça
 The me nega o que he meu , e que podia
 Minha sorte fazer menos impia ,
 Consumo a vida triste , em triste estado
 Vivendo pobre , porém pobre honrado.

E esta vida cansada ,
 (Se he que posso chamar-lhe acaso vida)
 Por tantos males juntos combatida ,
 Tem sido resgatada ,
 No meio de taõ asperos perigos ,
 Pelo braço fiel dos meus Amigos !
 Que parentes apenas dois se contaõ ,
 Que de ver os trabalhos meus se afrontaõ !
 E tendo de valer-me alguns bons meios ,
 Vendo-me em mal tamanho ,
 Socorrem os alheios ,
 E consentem , que eu busque amparo estranho !

Os meus fieis Amigos ,
Dom celesse , de quem a Providencia
Se serve nos perigos
Da minha lamentavel indigencia ,
Vigiaõ sobre mim ,
E naõ querem , que a barbara ventura ,
O proposito firme leve ao fim
De sempre atormentar-me !
Elles querem de forte melhorar-me ,
E bem posso afirmar , haver já mais
Orfaõ triste , que achasse tantos Pays !
De forte que se eu vivo desgraçado ,
He por culpa d'aquella má ventura ,
Que hum instante naõ foge de meu lado ,
E que sempre os trabalhos me procura !

Tu , Senhor , Tu bem podes , se quizeres ,
Descer em meu amparo ;
Pois se tu de meu lado te pozeres ,
Terei feliz reparo
Contra a fêa desgraça , que affombrada
De ver-te proteger a causa minha ,
Do mando , que em mim tinha ,
Ficará sua dextra desfarmada.

Senhor , he mui custoso
Tornar hum desgraçado venturoso ,
Mas por ser huma acção de si custosa
Para o braço , que a faz , he mais honrosa !



LIVRO SEGUNDO

POESIAS ANACREONTICAS

PROLOGO.

H Um canta as bata-	Os jogos de Marte
(lhas ,	
E os Herois valentes ,	Outra muza canta ,
Que encheraõ de espan-	E d'estro inflamada
(to	
Os mares , e as gentes.	Ao Ceo se levanta.
Outro poem na scena	A mim só me agrada,
Viciosas vidas ,	Empunhando as taças ,
Ou punhais cravados	Cantar as pelejas
Nas roxas feridas.	D'Amor , e das Graças.

E em cama de rozas ,
 Tocando na Lyra ,
 Cantar os prazeres ,
 Que o meu bem me inspira !

O D E I.

N O tronco d'hum	O corpo estendia ,
(freixo	E junto á dourada
Que sombra lhe dava ,	Aljava dormia.
Seu arco temivel	E Marcia rizonha
Amor pendurava.	Que o vio a dormir ,
Canfado menino	Roubou-lhe arco , e set-
	(tas
	E

E deu a fugir.
 Acorda ao motim,
 De suas rizadas,
 E poem-se a carpir
 As armas roubadas.
 Entaõ Cytherêa,
 Seu rosto affagando,

Lhe disse: não chores,
 „ Que ella anda brin-
 cando.
 „ Sós podem seus olhos
 „ Mil almas render,
 „ Ah foi travessura
 „ Lá tas vem trazer.

O D E II.

A Mor vive n'alma
 Dé Marcia escondido,
 E Marcia em Amor
 Se tem convertido.
 Dos olhos o Deus
 As settas nos chove,
 Se falla, Cupido
 A lingua lhe move.
 As Graças de roda
 As azas pulsando.
 Dos beijos rozados
 Se estaõ pendurando.

A's vezes as tranças
 Lhe enastraõ com flores,
 Que alegres ministraõ
 Contentes amores.
 Rendidas vontades
 Aos pés lhe suspiraõ,
 Ardentes dezejos
 Em torno lhe giraõ.
 Mas tanto as lições
 Tem delle aprendido,
 Que até se fez duro
 O novo Cupido!

O D E III.

A huma fonte,
 Que murmurando,
 Plantas, e flores
 Vai salpicando,
 A bella Marcia
 Chegava hum dia
 E sua face

Nas aguas via.
 Amor, que alegre
 No bosque errava,
 Tambem no fundo
 Se retratava.
 Ella por vê-lo,
 Seu rosto erguia,

Mas

Mas o menino
Se lhe escondia.
E tanto mais
Ella o buscava,
Tanto mais elle
Se lhe occultava.

Até que Amor
Seu arco tira,
E setta escolhe,
Qu' a alma lhe fira.

A hum tempo Mar-
(cia

A frente erguia,
E Amor a farda
Lhe despedia.

Marcia, suspiras?
(Brada o traidor)
He o que tira,
Quem busca Amor.

O D E IV.

E U cortei de frescas Damitas, renova as ta-
(rozas, (ças
E d'outras flores mimo- Do licor, que he pai das
(fas (graças !

Grande porçaõ,
Eu formei d'ellas,
Gentil Anarda,
Duas capellas.

Estaõ lindas ! a melhor
Da tua frente em redor

Prender-ta vou ;

Tu igualmente

A outra ajusta

A' minha frente.

Anarda, só falta agora

Tanger a Lyra sonora,

E repetirmos

Doces canções,

Que nos repassem

Os coraçãoes !

Aceita Anarda,
Vai-a libando,
Em quanto o vinho
Ferve espumando.

Quanto em tua compa-
(nhia

He suave, e belo o dia

Inda mais triste,

E dezabrido,

Do frio Inverno.

Encanecido !

De teus olhos scentilan-
(tes,

Amor, de instantes, a

(instantes,

Aos meus se atira

Aos

Aos teus se lança ,	Nos olhos meus.
Desce a teu peito ,	Anarda gentil , meu.
E ali descança.	(bem ,
Olha como anda gosto-	Se unidos Amor nos
(zo ,	(tem ,
Ora em teu rosto for-	Esta ventura
(mozo,	Naõ a percamos ,
Ora pendente	Em quanto em cinzas
Dos labios teus ,	Naõ nos tornamos !
Ora rizonho	

O D E V.

T U podes acazo ,	Contar poderás
Damitas , contar	As flores galantes ,
Esses grãos de arêa ,	Douradas espigas ,
Que cercaõ o mar ?	Estrelas brilhantes ?

Pois se isto naõ podes ,
 Naõ podes tambem ,
 Contar as belezas
 De Anarda , meu bem !

O D E VI.

L Ouros cabellos	Olhos travessos
Soltos ao vento ,	Da cor do Ceo ,
Onde se enreda	Ao ver-vos Phebo
Meu pensamento :	A luz perdeu !
Vós sois o bronze ;	Vos sois as settas ,
De que Vulcano	Que o Deus de Gnido ,
Forja as cadêas	Para vencer-me
Ao tilho infano !	Tem escolhido.

Faces mimofas
 Da cor da neve,
 A retratar-vos,
 Que mão se atreve?
 Ora mais brancas,
 Ora abrazadas,
 Por vós as Graças
 Vejo apinhadas.

Pérolas alvas,
 E rubim fino,
 Da boca fazem
 Cofre divino.

Ali Amor
 Aquece as azas,
 Pois são os labios
 Acezas brazas.

Tu, que entre a neve,
 Peito rozado,
 Ardente fogo
 Tens misturado,
 Tu foste empenho
 Da natureza,
 Em ti gastou
 Toda a beleza!

Ninfas galantes,
 Deofas formofas,
 Andaõ de ver-te
 Sempre invejofas.

Della serias,
 Maçaã dourada,
 Se visse Pariz
 A minha Amada.

O D E VII.

A Mor, que sem fruto
 Me tinha atirado,
 Ao fervido Etna
 Caminha apressado.

Ali de feu Pai
 As settas obtive,
 Com que, the os Deozes,
 A ferir se atreve!

Affoito me busca,
 A aljava despeja,
 Sem que, iada minha
 Render-se-lhe veja.

A Paphos se eleva
 De Venus morada,
 Seu arco partido,
 A aljava esgotada.

La junto da Mãy,
 Carpindo-se, adeja,
 E a face divina
 Lhe molha, e lhe beija.

A cauza do pranto,
 Os fins desta afronta
 Affea, soluça,
 E tremulo conta

A Mãy, nos feus bra-	Dos braços o solta,
(ços	O vôo despede,
O filho encostando,	Que ás settas velozes,
Da testa os cabellos	E ás balas excede.
Co' a maõ arredando.	A linda pastora
Affavel a beija,	Me vem apresentar;
E diz-lhe: menino	E ao vêla, de amor
„ Vai, mostra-lhe Mar-	Me ouvio suspirar.
(cia,	
„ Renderás Francino.	

O D E VIII. +

M Enèa Anarda
 Seus olhos vencedores,
 E sahem delles
 Terníffimos amores,
 Batendo as azas,
 Os arcos atezando,
 E leves settás
 Ligeiros disparando.
 Barbaras gentes,
 Que contra Amor conspiraõ,
 Os peitos abrem
 A mil sarpoens, que atiraõ;
 E á liberdade,
 Que tinhaõ por ventura,
 Em breves horas
 Chamaõ cadêa dura.
 Feliz de mim,
 Que Anarda terno amando,
 Com doce rizo
 A vejo a mim chegando!

Os Deozes mesmos
Esta ventura invejaõ,
O' quantos delles
Francino ser dezejaõ!
O' que vontades,
Nos vãos esfriando,
Aos pés de Anarda
Espiraõ, anelando!
O' que dezejos
A vaõ buscando ouzados,
E váraõ logo
Em terra desprezados!
Ah, quando a vejo
Os olhos meus se cobrem
De tantas luzes,
Que apenas a descobrem!
No pulso o fangue
Bate de espaço, a espaço,
Hum suor frio
Banha meu corpo lasso!
Eu tremo todo,
Sem cores, sem alento!
Mêu coração
Suspende o movimento!
Menêa os olhos,
De mim compadecida,
E dentre as sombras
Resgate a minha vida.

O D E IX.

P orque te forras	Naõ lhes servio
De bronze duro,	Tanto valor,
Se contra Amor	Que elles sentiraõ
Nada ha seguro!	Golpes de Amor?
Achilles fero,	Se esta paixãõ
Alcides forte,	A alma devora,
Que aos pés calcáraõ	De que te servem
A foice á morte.	Armas por fóra?

O D E X.

P ensando em Marcia,	„ Se humano errante
Como costume,	„ Aqui chegar,
No campo andava,	„ Teu lindo nome
Qual não sem rumo.	„ possa avistar:
Naõ sei por onde	Escrevi <i>Marcia</i>
Num bosque entrei,	E de redor
Aonde troncos	Lhe abri contente
Sómente achei.	Fino lavor.
Triste lugar	O bosque em tanto
Inhabitado,	Sinto movido,
Onde não vi	De ter teu <i>Nome</i>
Pastor, nem gado?	Desvanecido!
A hum lizo tronco	Pálido os olhos
Entaõ cheguei;	Volto ao ruído,
Nelle co'plectro	E sobre as azas
Isto entalhei:	Vejo Cupido.

Ao tronco baixa
 Em vôo brando,
 Beija teu Nome,
 E vái voando,

O D E XI.

Q Uaes em frio lago
 Os peixes innocentes,
 Ao ver o pasto
 Nas aguas transparentes,
 Que, em descomposto esquadraõ,
 A elle correndo vaõ:
 Taes ao ver Anarda
 Os amores, e Amor,
 Batendo as azas,
 Lhe vòaõ de redor,
 E sobre os nevados peitos
 Suspiraõ, de amor desfeitos.
 As graças formosas,
 Pelas faces rozadas
 Alegres giraõ,
 Quaes abelhas douradas
 Voaõ junto das culmêas,
 Pelas campinas Hyblêas.
 Quando nos meus braços
 Ditozo amante a aperto
 E o feu rosto
 Consulto de mais perto,
 Só lhe devizo em redor
 Meigos rizos, casto amor.

O D E XII.

N Aõ he taõ bella,	Se ao campo sahís
Naõ tem mais luz	Feras hirzutas
A clara estrella,	Deixaõ , por vê-los
Que o Sol conduz ,	Concavas grutas.
Do que os teus olhos,	Prendem-se as fontes,
Donde Cupido ,	E mais suaves
Settas chovendo,	Dos ramos cantaõ
Me tem rendido.	Sonoras aves.
Teus lindos olhos	Marcia , que Ninfa ,
Quem os avista ,	Bella , que seja ,
Que força tenha,	Naõ fica ao vê-los
Que lhe rezista!	Morta de inveja.

Ai lindos olhos,
 Ai quem vos vira,
 Sem que ciúmes
 N'alma sentira!

O D E XIII.

P Infeis escolhe ,	Pinta-lhe a frente
Tempéra as cores ,	De neve pura ,
Vê se retratas	As sobrançellas
Os meus amores	De tinta escura.
Pinta-lhe negros	Os lindos olhos ,
Longos cabelos ,	Olhos taõ bellos ,
E nelles prende	Naõ sei dizer-tos,
Amor , e zelos.	Nem tu fazê-los.

Pinta-os de Venus,
 Pintor divino!
 Poem-lhe hum olhar,
 Como te ensino.

Olhar, que só
 De hum leve acceno,
 Deixa rendido
 Grande, e pequeno.

Pinta-lhe as faces,
 Faces formozas,
 De huma mistura
 De leite, e rozas.

Os beiços rubros,
 Onde divizo
 Sempre pendente
 Hum doce rizo,

Pinta-lhos grossos,
 Que assim os tem,
 E as ricas perlas
 Nos mostraõ bem.

O lindo collo,

Onde repouza
 Tanta beleza,
 Quem pintar ouza?

Quem pintar pôde
 Seu branco peito,
 Onde Amor vive
 De amor desfeito?

Pinta-lhe ao menos
 Nevados braços,
 Sempre negando
 Ternos abraços.

Mas tu suspiras?
 Treme-te o braço?
 Pinta, não temas,
 Pinta o regaço.

Inda suspiras,
 Douto pintor?
 Já seu retrato
 Te inspira amor?

Ah se a avistáras
 Como avistei,
 Prezo ficáras,
 Como fiquei!

O D E XIV.

Q Uem ha que duvide,
 Que tu, Nize bela,
 Serás sempre minha,
 Se he força de estrella!

No dia ditozo,
 Em que te avistei,
 Que amantes agoiros
 Ah Nize, encontrei?

Hum

Hum malmequer bran- Que tempo tardou ,
 (co , Que sobre o altar
 Em hora felice, Naõ foffemos ambos
 Cortei , desfolheio , Fé pura jurar ?
 E o Bem me predice. E crês póde o tempo
 Tres folhas de roza Romper com maõ féra ,
 Nas maõs estaiei , Hum laço , que o Ceo
 E os mesmos pressagios Mostrou que tecera ?
 Nos fons encontrei.

Humilde o respeita ,
 O Tempo traidor ,
 Como obra do Ceo ,
 E empenho d'Amor.

O D E XV.

Q Uanto mais doce ,
 Do que os outros dias,
 A meus ouvidos
 Murmura o Regaça!
 Estes outeiros
 Estaõ revestidos
 De nova graça!
 O' quanto he bello ;
 Reclinado á sombra
 Passar as féstas
 No calmoso Estio ,
 Lêdo cantando
 Ao sôm da corrente
 Do claro rio!
 Féios cuidados
 De mim se desviaõ ;

De vãos ciúmes
 Apenas me esqueço,
 A paz sagrada
 Me estende os seus braços,
 Em que adormeço.

Naõ me perturba
 Meu sono brando,
 Ver que tem Licás,
 Ao pé do Regaça,
 Campo, e choupanas,
 E que fosse a sorte
 Commigo escaça.

Só nos tranquilos
 Instantes do sono,
 Domina em minha alma
 Annardina bella,
 Pois nem dormindo,
 Estaõ meus sentidos
 Distantes della!

O D E XVI.

C Roa-me a taça
 De verde loiro;
 Deita, Damitas;
 Vinho do Doiro.

Filho de Venus,
 Deos dos amores,
 Hoje brindemos
 Teus passadores.

Eu te saúdo,
 Hora gostosa,
 Em que nasceu
 Marçia formosa.

Hora

Hora que espantas
Fêa tristeza:
E enches de rizo
A natureza.

Hora em que as Graças
Cantos foltando,
Bersos de flores
Te estaõ formando.

Dá-me essa taça:
Salve, bom Dia,
Em que nasceu
Minha alegria.

Ah que os Amores;
Arcos voltando,
Sobre esta meza
Vem-se apinhando.

Licor entorna
Nos cristalinos
Copos, Damitas;
Bebei meninos.

Saudai commigo
A hora ditosa,
Em que nasceu
Marcia formosa.

Ai, que seus olhos
Vaõ-se impiscando!
Baccho os enlaça
Em sono brando.

Vêlai sem medo,
Caros pastores,
Que ébrios ressonaõ
Feros amores.

Mas não, temei-vos
 Da chamma impia,
 Que se ellés dormem,
 Marcia vigia!

O D E XVII.

S E á fresca sombra
 Me vou deitar,
 E o pensamento
 Deixo voar,

Logo me pinta,
 Rotos os laços,
 Marcia rizonha
 Em outros braços.

Pinta em seus olhos
 Volver mimoso,
 Olhos que vertem
 Pranto enganoso!

Pinta-me a boca,
 Com que prejura
 Jurou mil vezes,
 A fé mais pura.

Logo me aponta,
 Por magoar-me,
 Ao sitio aonde
 Vinha fallar-me.

Lgrimas tristes
 Derramo então:
 Pois quem reziste
 Ao coração!

Eis de repente
 Tempéro a Lyra,
 Invoco a Baccho
 Antes que a fira.

Foge a meus olhos
 A ingrata bella,
 Seca-se o pranto,
 Rio-me d'ella.

O D E XVIII.

Q Uem he, mortais
 Este Menino,
 Que faz amargo
 Vosso destino?

Que armas o cercaõ?
 Que signais tem?
 Não poderá
 Fugir-lhe alguem?

Dizem que Mare
 D'elle se esconde
 Aonde habita,
 Dizei-me aonde

Assim fallava
 Aos meus pastoes,
 Em quanto nada
 Soube de amors.

Apenas, Jonia,
Teu rosto vi,
Sem ver Cupido
O conheci.

Quanto elle póde
Num coração,
Senti-lo fei,
Dizê-lo não!

O D E XIX.

A Mor os seus Amores
Convida, e dá-lhes
Agudos passadores
De ervada ponta.
Eia, lhe diz: Voemos,
E a bella Anarda
Aos ferros obriguemos,
Pois d'elles moza.
Parte o bando contente,
E o Deus, rizonho
Voando vai na frente
Da leve tropa.
Na terra não levando
Auréas cadêas
Triumphos vai contando
A' cega gente.
Aloja Amor seu bando
Junto ao Regaça,
Vão-se arcos disparando,
Mil settas voaõ.
Anarda se lhe offrece
Taõ bella á vista,
Como quando amanhece.
A rouxa Aurora!

A' voz de Amor quizeraõ
Soltar as farpas,
Mas nunca se atreveraõ
Os moços féros.
Pela terra as largáraõ ;
E em vô-o leve ,
Sózinho Amor deixaraõ
Posto no campo.
Chega Anarda rizonha
● Ao pobre Amor ,
E sem que se lhe oponha
Tira-lhe os ferros.
Atrás os tenros braços
Lhe prende nelles ,
E diz-lhe : move os passos ;
Moço atrevido !
Partio ; e a maõ armada
De hum Deos temido ,
Em ferros subjugada
Dali voltou !
Fugi , fugi pastores ,
Fugi de Anarda ,
Que , a Amor , e seus amores
Com rizo vence !

O D E XX.

TAnto que eu bebo
 Na noute fria ,
 Destes licores ,
 Que o Doiro cria :
 Nem as riquezas ,
 Nem as privanças ,
 Me defaiaõ
 Vans esperanças !
 Dos Reis a forte ,
 Posto elevada ,
 Na minha idéa
 He fumo , he nada.

Mal q̃ o Deos Baccho
 Entra a girar ,
 Ares mais livres
 Vou respirar.
 Fugindo logo
 Vaõ apressados,
 Dentro do peito
 Fêios cuidados.
 De Marcia ingrata
 Entaõ me esqueço ,
 E entre os copos
 Rindo , adormeço.

O D E XXI.

*Nos annos do Illustrissimo Senhor Sebastiaõ Jozé
 de São-Payo Mello e Castro.*

EU quis , São-Payo ,
 Dar-te louvor ,
 Fugindo aos versos ,
 Que inspira Amor.
 Já sobre as margens ,
 Que lava o Ganges ,
 Via partidos
 Curvos alfanges.
 Em fuga vil
 Pondo os Malayos ,
 Cantava alegre
 Outros São-Payos.

Mas quando o estron-
 Do bronze ouvia , (do
 Ao dar nas cordas
 A maõ tremia !
 Vendo-me chêio
 Deste temor ,
 A mim contente
 Chegou Amor.
 Dice-me rindo :
 Ah desgraçado !
 Cantar Heróes
 Não te foi dado.

Os golpes canta
De meus farpões,
E o doce estrago
Dos corações.

Se he teu Amigo ;
Se tem virtudes ,
Seus annos brinda
Com tres faudes.

O D E XXII.

A Gora quando
Lasso dormia ,
Pintando Amada
Na fantasia.

Quando benigno ;
Me figurava
Hum sonho brando ,
Que lhe falava.

Que nos meus braços
A tinha preza ,
Gozando a furto
Sua beleza.

Tiranno Galo ;
Erguendo o canto
Me desfizeste
Taõ doce encanto !

Venus permitta ,
Que nesse instante ,
Em que sentires
O fogo amante ,

Rasgando os are
Bravos affores ,
Nas garras levem
Os teus amores.

O D E XXIII.

O Ra que pensas Damitas ?
Se eu de pennas me vestira ;
E como rapido affor
Manfos ares dividira ,

Onde presumes que iria ?
Correr terra , e mar profundo ,
Cobiçozo de notar

As maravilhas do mundo ?

Crês tu, que d' Ephezo o Templo ;
De Artemiza o Mausoleo ,
As Pyramides do Egypto ,

Enche-

Encheraõ o gosto meu ?

Ou crês que o meu coraçãõ
Para chorar tanto estrago ,
Desejára ver os sitios ,
Onde foi Troya , e Cartago.

Ou que das margens , que pizo
O meu vôo levantando ,
Ia ao monte em que as tres Graças
Estãõ com Venus dançando ?

Pois não era affim Damitas !
Se o voar me fora dado ,
Sabes onde ia voando ?
Onde está meu bem amado.

O D E XXIV.

N As margens do Regaça ,
Qual bando de pombinhos ,
Aqui , ali voavaõ
Seis belos Amorzinhos.

Hum d' elles mais travêço ,
A' leda companhia
Severo dice : he justo
Passar aqui hum dia ?

Pois onde voaremos ?
Os finco lhe tornaraõ :
A Nize dice : alegres
Os mais se levantaraõ.

Cortando os mansos ares ,
O terno bando adeja ,
Mais cedo , do que os outros
Qualquer chegar deseja.

Aquelle , que primeiro.

Che-

Chegou ao rosto feu ,
 Em seus galantes olhos
 A' preça se escondeu.

O outro , que após elle
 Hum nada se atrazou ,
 A seus rozados labios
 Contento se apegou.

E dois , que ao mesmo tempo
 O voo aquietáraõ ,
 De suas faces lindas
 Co' as graças se abraçaraõ.

O quinto pelas tranças
 Ligeiro foi trepando ,
 E candidas boninas
 Foi nellas concertando.

O sexto , que não pôde
 Pouzar onde queria ,
 As azas sacudindo ,
 Pegado aos mais carpia.

E como no caminho
 Excesso havia feito ,
 As forças lhe faltaraõ ,
 E foi cahir no peito.

Entaõ alçando o rosto ,
 Com rizo mofador ,
 Aos outros dice : ó lá ,
 Qual he que está melhor ?

O D E XXV.

L Anças-me em rosto,	Olha Jozina ;
Ver por costume	Que neste excesso,
No peito arder-me	Quando te aggrave ;
Voraz ciume.	Mais te mereço !

Vejo-

Vejo-te bella,
Vejo-me indi'no,
E meu rival
Tudo imagino.

Se não ter zelos
Séria me intimas,
Pouco Jozina,
Pouco me estimas!

Esse que chamas
Monstro cruel,
He de Cupido
Socio fiel.

Quando de Venus
Amor nasceu,
No mundo o zelo
Appareceu.

E taõ unidos

A gente os vê,

Que Amor sem zelos,

Amor não he.

O D E XXVI.

Por ter offendido Althea,
Castigou Venus a Amor,
E por castigar hum crime,
Fez ao mundo hum mal maior!

Althea amava Fileno;

Amor com zelo fingido

Fes, que de seu coração

A posse tivesse Alcido.

Vendo a Mãe, que usar hum Deos
De taõ fêa fallidade

Posto fosse hum Deos menino

Deslustrava a Divindade;

N'uma cadêa dourada

Ao filhinho as mãos prendeu,

Depois co' hum molho de rozas

Nas alvas costas lhe deu.

Alguns agudos espinhos

Pelas carnes se meteraõ,

Correu sangue , e deste sangue
Novos Cupidos nasceraõ !

Que fizeste , ó Deosa terna ,
Dos mortais compadecida !

O' quanto melhor nos fôra
Ficar a culpa impunida.

Se elle sozinho fazia
Nossas magoas , nossos prantos ,
Que hade ser de nós agora ,
Se de hum Cruel nascem tantos !

ODE XL. DE ANACREONTE.

Tradução livre.

P Or entre ferras
De rubras rozas ,
Palidos goivos ,
Murtas viçozas ;

Que as gentis filhas
Do Egeo sagrado,
Na ruiva praia
Tinhaõ juntado ;

O cego Deos ,
Depondo a aljava ,
Palmas batendo ,
Ledo brincava.

Dourada abelha ,
A quem pizou ,
Na maõ nevada ,
O molestou.

A maõ carpindo

Elle apertava ,
E soluçando

A Mãy buscava.

Ai Mãy que espiro ,

Triste clamou ,

Ai Mãy teu filho

Hoje acabou !

Mordeu-me aqui

Huma serpente ,

Que abelha chama

Do campo a gente.

A maõ do filho

Cythrêa vendo ,

Em quanto a sopra

Lhe está dizendo :

„ Ah , se isto he causa

„ De tu gemeres ,

„ Vê , que não sofrem

„ Elles , que feres !

TRA-

TRADUÇAÕ DA ODE III.

HA' pouco na paz da noute ,
 Já quando a Ursa rolava
 Em torno da mão do Bôotes ,
 Quando o sono se espalhava
 Pelo froixo corpo meu ,
 Chegou , e á minha porta
 O Deos Cupido bateu.

Quem bate á porta , gritei ,
 E vem meu sono turbar ?
 Abre , me dice , abre a porta
 Pois não tens que recear.
 Sou hum pequeno menino
 Todo molhado , e co' a noute
 Perdi neste monte o tino.

Compadecido de ouvi-lo
 A minha luz accendi ;
 E abri a porta ; he verdade
 Que hum tenro menino vi ;
 Porém que hum arco trazia ,
 Azas tinha , e prenhe aljava
 Dos hombros nús lhe pendia.

Eu o fiz sentar ao fogo ;
 As minhas mãos aquecei ,
 E as tenras mãos entre as minhas
 Carinhoso lhe esfreguei ;
 E como molhado o vi ,
 A chuva de seus cabellos ,
 Para aquecer , lhe espremi.

Mal que elle foi aquecendo
 Dice-me : vamos a ver ,
 Se pôde a chuva deste arco

A rija corda offender.
 O arco toma na mão,
 Une as pontas, e me atira
 Huma setta ao coração.

Então salta, e diz-me rindo:
 „Congratula-te commigo,
 „O Bemfeitor, que o meu arco
 „Não sofreu menor perigo:
 „O meu arco livre está,
 „Mas teu pobre coração,
 „Que dores não sentirá!

TRADUÇÃO DA ODE V.

<p>J Untemos ao vinho A roza engraçada, A flor aos Amores, E a Amor consagrada.</p>	<p>A roza galante He honra das flores, De Abril, e de Mayo Feitiço, e amores.</p>
<p>Da roza engraçada Capellas formemos, Co' as folhas urdidas As frentes ornemos, Depois entre os cópos Alegres brinquemos.</p>	<p>He mimo dos Deoses, E o moço Cupido Seu louro cabello Tras d'ellas cingido, Se dança co' as Graças No monte de Gnido.</p>

Tu Baccho de rozas
 Me croa, e me inspira,
 Verás em teus Templos
 Soar minha lyra.

E tendo enastrado
 De rozas a frente,
 A par de Jozina
 Meu bem, e esperança,
 Marcarei contente
 Das Ninfas a dança.



LIVRO TERCEIRO.

O PASSARINHO.

PARTE I.

I Nnocente Passarinho ,
 Que d'essas faias sombrias ,
 Póde ser por devertir-me ,
 Cantando os mais dezafias ;

Naõ percas as doces vozes ;
 Que sóltas , sem fruto , aos ares ,
 Que impossivel he , meu pranto ,
 Em brando rizo , trocares ;

Avezinha , se tu queres
 Commigo ser piedosa ,
 Abre as azas , vai ligeira
 Onde está Nise formosa.

Mova-te a minha faudade ,
 Commovaõ-te as minhas dores ,
 Padeço de Amor , e as Aves
 Padecem tambem de Amores.

Em Aves as tres Sirenes
 Consta , que foraõ mudadas ,
 Foraõ vertidas em pégas
 As Pierides sagradas.

O grande Deucalion
 Em assor se converteu ,
 Mudou-se Alcyone em ave ,
 Mudou-se em ave Cæneu.

Quem sabe se tu tambem ;
 Por astucias de Cupido
 Algum amante ferás
 Em mança ave convertido !

Mas não preciso que o fejas ;
 He bastante nesta empresa
 O ser ave , porque Amor
 Manda em toda a natureza.

Bem sabes de meus suspiros ,
 Que estou de Nife distante ,
 Tu que vòas , vò a Nife ,
 Consola-lhe o peito amante.

Se ignoras onde ella tem
 A sua alegre morada ,
 Toma sentido , eu te ensino
 O rumo desta jornada :

Ergue-te sobre o Mondego ,
 As suas campinas deixa ,
 E bate as pennas pintadas
 Sobre a viçozza Condeixa.

Não te enamorem seus campos ,
 Não pares , ávante vò a ,
 Aporta ligeiro ás margens
 Onde o rio de Anzer soa.

Procura depois do Arunce
 A fertil campina amena ,
 E leva o rapido vôo
 A's margens do Lis , e Lena.

Nellas descança , cantando
 Ao som das serenas aguas ,
 Tantas vezes costumadas
 A ouvir de Lerêno as magoas.

E logo , que o novo dia

Descobrir a luz escaça ,
Vai onde juntas murmuraõ
As aguas do Alcõa , e Baça.
E por entre huns fundos valles
Povoados de olivaes ,
Procura as frescas ribeiras ,
Que banha o tardo Xarnaes.

Sobre Selir bate as azas ,
E d' entre erguidos outeiros ,
Escolhe aquelle , em que vires ;
Tremendo verdes pinheiros.

No mais alto d' elles pouza ,
Olha bem , verás de fronte
A minha Aldêa plantada
Nas côstas d' erguido monte.

Da parte de cá dois rios
Retalhaõ suas campinas ,
E da opposta o meu Regaça
Mostra as aguas cristalinas.

A'quelle , que mais chegado ,
Desta Aldêa move as aguas ,
Vai de pressa , e por seus freixos
Solta aos ares minhas magoas.

E como he justo conheças
A minha Pastora bela ,
Em vendo a melhor de todas ,
Naõ indagues mais , he ella.

Se tu vires , que anda triste
Passeando aquelles vales ,
Eu to rogo , canta alegre ,
Vê se divertes seus males.

Mas no cazo , qu' ella ós montes
Airoza pize , e contente ,

Lança-

Lança-lhe em rosto as saudades,
Que padeço d'ella ausente.

Dize-lhe tu, que só pode
Descobrir-me a fantasia,
Humas sombras enganofas
Da minha antiga alegria.

Que se vejo as lindas flores,
Distrair-me procurando,
Nas vermelhas suas faces
Amor me está debuxando.

Quando as côr d' oiro se bolem,
Do brando vento agitadas,
Lembra-me as tranças compridas
Pelas costas dezatadas.

Se levanto á esfera os olhos
No meio da noute escura,
Nos lindos Astros, Amor
Os seus olhos me figura.

Se no bosque as avezinhas
Desprendem ternos cantares,
Lembra-me quando soltava
No Regaça o canto aos ares.

Quanto vejo, quanto escuto,
Que esta alma não penalize,
São as cousas, que me trazem
Imagens da minha Nize.

Mas que lembrando-me d'ella,
Vivendo nós tão distantes,
Desfazce-me o doce engano,
E suspiro mais que d' antes.

Que o zelo com vivas cores
Muitas vezes me affigura
O meu rival, maquinando

Roubar-me a minha ventura.

Que elle lhe diz , que Francino ,
Que opposta a ventura tem ,
Naõ deve por desgraçado
Gozar de hum taõ raro bem.

Avezinha por piedade
Dize á minha Nize amada ,
Que quando disto se lembre ,
Naõ lhe esqueça a fé jurada.

Que naõ desfaleça , vendo
A minha forte importuna ,
Que amor bem nascido , e casto
Póde mais doque a fortuna.

Que depois de muntos dias
De hum destino trabalhoso ,
De brancas rozas croado ,
Vem hum dia venturoso.

Dize-lhe tu , que a desgraça
Tambem de affligir-nos cança ,
E que a forte lizongeira
Em seus giros faz mudança.

Pintalhe ao vivo meu pranto ,
Pois es fiel companheiro ,
Que me escutas suspirando ,
Toda a noute , o dia inteiro.

Dize-lhe mais mas o tempo
Mansamente vai voando ,
E tanto fallo contigo ,
Tanto te estou demorando.

Vai , e traze-me a resposta ,
Porque eu te prometto entaõ ,
Que bebas na minha taça ,
E comas na minha maõ.

RESPOSTA DO PASSARINHO.

PARTE II.

SE a minha dor me não tem
 Da luz dos olhos privado,
 Ou se hum dia de ventura
 Pode ter hum desgraçado.
 Serenamente voando
 Desta parte, jurarei
 Vir o terno passarinho,
 Que á minha patria mandei.
 Não me engano! ó como alegre
 Já para mim se encaminha!
 Não sei que nova ditosa
 O coração me adevinha!
 Dize-me ave compassiva,
 Mais que pensava ninguem!
 Acertastes o caminho?
 Chegastes a ver meu Bem?
 Não era como te dice,
 Entre todas a mais bela?
 Então enganei-te? dize?
 Fieis novas me dá d' ella.

PASSARINHO.

Para cumprir com teu gosto,
 Estas campinas deixei,
 E sobre a fertil Condeixa
 Minhas pennas alarguei.
 Onde o Anzer cristalino
 Se está co' a ponte indignando,

Me detive alguns momentos ,
Ao som das aguas cantando.

As altas faias do Arunce
Nesta noite me abrigáraõ ;
Cheguei cedo , mas seus campos
A ficar me convidáraõ.

Ao romper do novo dia
Na sua vêa bebi ,
E de teus rogos lembrado ,
D'estas campinas parti.

Cheguei ás margens do Lis ,
Sem tençaõ de demorar-me ;
Mas achei-as taõ vistosas ,
Que me custou a apartar-me.

Saõ belas suas ribeiras ,
E neste lugar as aves ,
Sem ofensa do Mondego ,
Soltaõ cantos mais suaves.

Finalmente de Selir
Vi , sobre erguidos outeiros ,
Hum lugar , onde mais juntos
Tremiaõ verdes pinheiros.

No mais alto fiz assento ;
Lancei a vista , e de frente
Vi hum muro antigo , e forte
Cingindo hum fragozo monte.

Que bela vista não goza
Aquelle impinado outeiro !
Estes campos daõ aos olhos
O pasto mais lizongeiro.

Da direita se descobre ,
Com suas ondas ufano
Bramando junto ás Berlengas

O impellido Oceano.

Ve-se a famosa Lagoa
De vale em vale estendida,
Por huma lingua de terra
Do vasto mar dividida.

Que de vezinhas aldeas
Daqui se estaõ avistando,
A que a tua de mais alto
Parece estar dominando!

Vê-se o pequeno Regaça
Por vasto plano arrojarse,
E c' os outros na lagôa
Ir vaidoso misturar-se.

Depois que vendo, o que digo;
Do caminho descancei,
Ao rio, que perto corre
Da tua aldea, cheguei.

Vi huma Pastora bela,
Melhor dicera divina!
C' os olhos fitos nas agoas
De huma fonte cristalina.

Os seus olhos macerados
A's vezes ao Ceo se erguiaõ,
Os olhos, que em terno pranto
Parece se desfaziaõ!

E posto naõ vilse as outras,
Ser Nise julguei, Pastor,
Que impossivel achei logo
Encontrar outra melhor.

E como tu mo rogastes,
Empenhei a melodia
De meu canto sonoro,
Para ver se a divertia.

Havia já longo espaço ,
 Que ali perto lhe cantava ;
 Mas a pezar de meu canto ,
 O seu pranto não cessava.

Cheguei-me entãõ junto d'ella ,
 E n'um gorgêo mais fino ,
 Entre huns ramos escondido ,
 Dice o nome de Francino.

Ergueu de repente os olhos ,
 Entre alegria , entre espanto ,
 E nos olhos de repente
 Ficou represado o pranto !

A toda a parte do bosque
 Sobresaltada os lançava ,
 E mudamente ás ervinhas
 Por Francino perguntava.

Compadecido de vê-la
 Naquella amante doudice ,
 Pouzando-lhe sobre o colo ,
 Estas palavras lhe dice :

„ O teu Francino , Pastora ,
 „ Me manda saber de ti :
 É quanto tu me ensinaste
 Fielmente repeti.

Tomou-me entãõ nos seus braços ,
 Beijou-me , pôs-me no peito ;
 E sendo eu d'outra especie
 Fiquei de amores desfeito.

Dice-me ella que em descânço
 De alguma forte ficava ,
 Por saber que o seu Francino
 Tanto d'ella se lembrava.

Rogou-me que te dicesse ,

Que

Qu' inda vivendo distante,
 Dos votos , que te fizera,
 Não se esquecia hum instante.

Que se todas as Pastoras
 Saõ varias por natureza,
 Podias estar seguro,
 Que nella havia firmeza.

Qu' inda vivendo apartada
 Lá longe te possuia,
 De noute em sonhos amantes,
 Em pensamentos de dia.

Pedio-me fosse ligeiro
 Em te dar esta resposta,
 Para ver se a dor se abranda,
 Que na ausencia te disgosta.

Obedeci-lhe ; e tomando
 O caminho , que segui,
 Dou-te parte muito á preça,
 Do que achei , e do que ouvi.

Agora da-me licença,
 Que outra ves vá ter com ella ;
 Pois outra paga não quero
 Mais que a ventura de vê-la !



DEZENGANOS A FELINTA.

Felinta, não sou d' aquelles,
 Que amando a todas que vêm,
 Com juramentos te affirmão.
 Não amar a mais alguém.

Esses mesmos juramentos,
 Que tu sincera lhe ouviste,
 Faz á primeira, que o attende,
 Mal que da casa sahiste.

He munto raro hum amante,
 Que sans verdades profira!
 Podes crer que nos seus labios,
 Pôs o seu trono a mentira.

Talvez me digas, Felinta,
 Que se todo o Amante mente,
 Como Amante, nesta conta
 Devo eu entrar igualmente.

Verdade he que o mesmo faço;
 Mas com esta differença,
 Que amando a quantas avisto,
 A nenhuma faço offensa.

Amo-te a ti, porque tens
 Nesses teus olhos galantes,
 Certo geito de atirahires
 A teu culto mil amantes.

Amo a Filis, porque traz
 Sobre as faces delicadas,
 As belas rozas de Paphos
 Entre os jasmims concertadas.

Amo Althea, porque vejo
 Em seus cabellos dourados,
 Sem aljayas, arco, e settas

Os Amores maneitados.

Amo Anarda , pois descubro
Em sua boca mimosa ,
Indiô marfim branquejando ,
Entre dois vivos de roza.

Nerina , posto não tem
No seu rosto formosura
Faz-se a meus olhos amavel
Pela delgada cintura.

Mirtilla , que sem offensa
Podemos chamar-lhe fêa ;
He bem feita , e me namora
O garbo , com que passeia.

E tenho , Felinta bela ,
Hum amor tão refinado ,
Que amo Nise , que não tem
Mais doque hum pé delicado.

Em fim , podéra fazer-te
De Pastoras conta summa ,
A quem amo , sem qu' amando-as
Offensa faça a nenhuma.

Porque se tu me differas ,
Que dando-lhe adoraçãõ ,
A ti te excluia d' ella ,
Tinhas bastante razaõ.

Mas eu que posso adora-las ,
E adorar-te a ti tambem ;
Nasci livre , gosto disto ,
Quero , e faço muito bem.

Queres tu minha Felinta ,
Que te ame só nesta aldea ?
Ajunta ás faces de Filis
As tranças , que tem Althêa ,

Ajunta mais de Nerina
 A cintura delicada,
 De Mirtila o corpo airoso,
 De Nife a planta engraçada.

Entaõ verás, e eu te juro
 Que não amo a mais alguém!
 Se queres o amor de todas,
 Busca tudo, o que ellas tem!

CONVITE A ANARDA.

O Tempo vòa,
 Formosa Anarda,
 E pouco tarda
 Janeiro frio.

O manso rio
 Aguas juntando,
 Já vai turbando,
 Já rouco sòa.

Ninguém povò
 O fertil prado,
 Pastor, nem gado
 Se vê no monte;

A clara fonte,
 Que ao som das aguas,
 Amantes magoas
 Há pouco ouvia,

Ora de fria
 Fica parada;
 Ora turbada
 Dezerta corre!

O lirio morre
 Nos frescos vales,

Já nada vales

O' rubra roza!

Tras vagarosa

A Aurora fria

Do breve dia

Os passos leves.

De frias neves

Ornando a frente,

Ao Sol luzente

Os raios cobre.

O pastor pobre

Na tarde fêa

Tremendo á aldêa

O gado traz.

Se he que te apraz

Cede a meu rogo,

Comigo ao fogo

Do inverno zomba.

Sylvestre pomba
A's mãos tomada,
Por mim guizada
No lume ferve.

Damitas serve
De cozinheiro,
E no brazeiro
Castánhas assa.

Enchendo a taça
Alegre canta,
E o frio espanta
C' o vinho quente.

Ao lume ardente
No espeto rombo,
Cheiroso lombo
Pingando gira.

Emtanto a lyra,
Que Amor me deu,
Em louvor teu
Alegre firo.

Em leve giro
Batendo as azas,
Junto das brazas
Amor se assenta.

Co' a mão cruenta
O cego Nume
Volve no lume
As rebordans.

Praticas vans
Me tece o louco,
E pouco a pouco
Por ti pergunta!

Ao arco ajunta
A setta dura,
Por ella jura
Minha serás!

Se isto te apraz
Quem te demora
Linda Pastora,
Que inda não vens?

Se em outro tens
Posto o sentido,
A mim Cupido
Te prometeu!

Do arco seu
Treme prejura,
Se a fé mais pura
Quebrar intentas!

Se te contentas
C' os dons de h'í pobre,
Que huma alma nobre
No peito guarda,

Quem te retarda,
Que inda não vens,
Gozar dos bens
Que o tempo dá?

Mas cuido já
Ver-te, Pastora,
Bem como a Aurora
Quando amanhece!

Não só parece,
Isto he verdade!
Minha saudade
Descance agora.

Que feliz hora
Para Francino,
O seu destino
Deixou surgir!

Deixa cahir
O gelo frio,
E turvo o rio
Deixa correr.

Como deve
O teu semblante
Chegou o instante,
Que mais desejo.

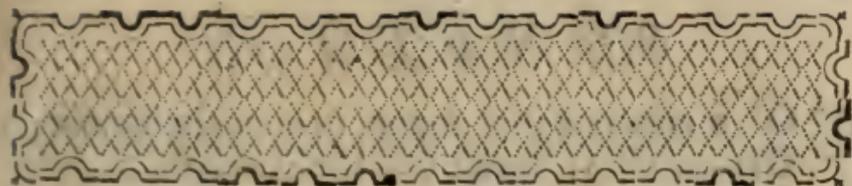
Naõ tenhas pejo,
O copo acceita;
Damitas, deita
Do vinho puro.

Por ti te juro,
Que nunca Amor
Noute melhor
The 'qui me deu!

Cubra-se o ceo
De espêço manto;
Brame no instante
O vento irado.

Tenho-te ao lado,
Naõ temo a sorte,
Da mesma morte
Despreso os golpes.





OBRAS POSTHUMAS

DE

ANTONIO GOMES

DA SILVEIRA MALHAO.

SONETO I.

N Um fitio, que ornaõ, variadas flores,
 Que sem arte pozera a natureza,
 Tentando á força huma arriscada impreza,
 Amor punha por orde' os seus Amores:

Marilia, a quem huns olhos matadores
 Escudaõ sua indomita fereza,
 Entrou no campo, e em vez de ficar preza
 Triunfou de Cupido, e seus furores!

Desgraçada da fraca humanidade,
 Porque fica sujeita á delventura
 De sofrer mais tyranna Divindade!

Amor tinha alguns dias de brandura,
 Porém Marilia, que ama a crueldade,
 Não tem instante, em que não seja dura!

SONETO II.

CO' a minha Lilia Amor brincando hum dia,
 Ora os olhos formosos lhe beijava,
 Ora as tranças de rozas lhe enastrava,
 Ora o seu rosto, com seu rosto unia:
 Humas vezes finezas lhe dizia,
 Outras preza em seus braços a apertava;
 Porém Lilia em resposta lhe tornava,
 Estas palavras, que eu de longe ouvia =
 „ Naõ, te canfes Amor, o meu Alcino,
 „ He quem domina hum coração amante,
 „ Que me dõu felizmente o meu destino =
 Amor pasma! por ver naõ he bastante
 O trono, o sceptro, e seu poder divino
 Para hum peito mudar terno, e constante!

SONETO III.

TEm Armenia huns cabellos ondeados,
 Com q̃ os ventos brincando as vistas prendem;
 Com seus olhos gentis, as almas rendem
 Os Amores entre elles disfarçados:
 Os jasmims com as rozas misturados
 As bellas Graças por seu rosto estendem;
 Dos rubros beijos os desejos pendem,
 Por seu álito doce sustentados.
 No alvo Colo, na tintura airoza,
 Mostrou quanto podia a natureza,
 Que depois de os formar ficou vaidozal
 O Ceo que a vio, por completar a empreza,
 Fez que viesse huma alma virtuozza,
 Animar inda mais tanta belleza.

SONETO IV.

E Ntre vivas espraças, e temores
 Junto aos olhos formosos de Tircêa,
 Quais abelhas em roda da colmêa
 Vi hum dia os ternissimos Amores :
 Huns, tremendo lhe enastraõ d'alvas flores
 A trança, que no eburneo colo ondêa,
 Arlendo outros em chamma, que ella atêa,
 Bafejando lhe accendem mais as cores.
 Quiz canta-la, corri a maõ na Lyra ;
 Mal ouve as cordas, e conhece o canto,
 Deixa os amores, para mim se vira :
 Os ternos moços o sentiraõ tanto,
 Que o sitio, onde Tircêa alegre os vira,
 Inda hoje banhaõ de faudofo pranto.

SONETO V.

A Cazo julgas, que haõde ser constantes
 Estes dias gentis, que vês raiando ?
 Cuidas que as Graças, com Amor brincando
 Sempre haõde rodear nossos semblantes ?
 Vê Tircêa, que os rapidos instantes
 Huns sobre os outros, sem fessar girando,
 Vaõ prezos a seus ferros arrojando
 Os apreçados annos inconstantes !
 Antes que chegue a macilenta idade,
 Que severa desfolha as frescas flores,
 Nascidas na rizonha mocidade ;
 Quebremos as cadêas dos temores,
 Desse a nossos dezejõs liberdade,
 Nutraõ-se em nós ternissimos amores.

SONETO VI.

Vendo morto o prazer, o Amor perdido,
 E do frio Sicheo a fé manchada,
 De accuzadores erros insultada,
 Tremendo vaga a furiosa Dido!

Ora quer arrojarse de amor ferido,
 O tenro peito sobre a Teucra espada;
 Ora acode á cidade infendiada;
 Pelos zelos de Jarbas defabrido.

The que vendo de hum lado o amor mal pago,
 E d'o outro lado a indomita vingança,
 Frenetica temendo hum novo estrago;

Rasgando as vestes, desgranhando a trança,
 Por entre as chammas da infeliz Carthago,
 Chamando Eneas, com furor se lança.

SONETO VII.

EM quanto sobre o leito desditozo,
 O froixo corpo Alcino revolvía,
 E da sua Marilis repetia
 O dulcissimo nome faudozo:

Amor ante os seus olhos cuidadozo
 Huma scena brilhante offerencia,
 E no largo theatro apparecia
 De ninfas hum exercito lustroso.

Alcino, lhe dizia o Deos de amores, =
 „ Escolhe d'estas, que Marilis bella
 „ Repartio já commigo os seus favores:
 „ Diz-lhe Alcino: o prazer feliz de obte-la,
 „ Talvez possão roubar-me os teus rigores,
 „ Mas não a gloria de morrer por ella!

SONETO VIII.

POr entre as pardas nuvens do futuro ;
 Já Marilis gentil , scentila o dia ,
 Que hade trazer na sua companhia
 Os verdugos crueis deste Amor puro !
 Já devizo com passo mal seguro
 Os olhos baixos cheia de agonia
 A lugubre saudade , que me envia
 O decreto fatal do tempo duro !
 Qual bruta penha , aonde o mar rebenta ,
 Rezistamos ao bando dos cuidados ,
 Que em nosso pranto o seu rancor sustenta :
 Sulquemos estes mares impolados ,
 Póde ser , que do seio da tormenta ,
 Amor nos salve , contra a maõ dos Fados !

SONETO IX.

AInda vivo abri hum bravo toiro ,
 Arranquei-lhe as entranhas fumegantes ,
 Lancei-as sobre chammias crepitantes ,
 Fiz Amor Sacerdote deste agoiro :
 Compridas vestes , recamadas de oiro ,
 Singio co' hum sinto cheio de brilhantes ,
 Largou primeiro os ferros penetrantes ,
 Depois ornou-se de virente loiro.
 Vé Amor , lhe disse eu : se a rês queimada
 „ Algum presagio venturoso augura ,
 „ Na distancia cruel da minha amada !
 Marilis respondeu ; será tam pura ,
 „ Que hade amante guardar a fé jurada ,
 Até que chegue á fria sepultura !

SONETO X.

A I minha Amada, que já vão murchando
 As Capellas, que as frentes nos ornavaõ!
 As gostosas prizoões, que nos ligavaõ,
 Já se vão por si mesmas dezatando!

Já se vem para nós encaminhando
 Os dias, que os Amores agoiravaõ,
 Quando sobre o teu peito s'encostavaõ,
 Suas loiras madexas desgranhando!

Que remedio, meu bem, o tempo chega,
 O triste Amor, tremendo vacilante,
 Aos ferros da saudade as mãos entrega!

Ao menos sê-me tu sempre constante,
 Em quanto a auzencia á minha vista nega,
 A prezença feliz do teu semblante.

SONETO XI.

A Mor nem sempre nega os seus ouvidos
 A voz afflicta de hum fiel amante,
 Que junto d'elle vòa a cada instante
 Nas azas de ternissimos gemidos:

Nem sempre os Ceos, de negro horror vestidos,
 Negaõ ao mundo a luz do Sol brilhante;
 Muitas vezes escapa hum doce instante
 A's mãos de imigos fados desfabridos!

Sim caros moradores de Cythera,
 O meu tormento, que eu julgava eterno;
 Cedê á constancia, que em minha alma impera

Se Marcia foi prejura, hoje governo
 Tircêa, a quem o Ceo benigno dera
 Mais bello rosto, coração mais terno!

O D E I.

A Antonio Caetano de Freitas.

C Aro Freitas, pedaço da minha alma,
 Meu doce amigo, resto precioso,
 Que eu apenas salvei d'entre as ruínas
 Do contrario destino!

Com que socego hum trono perderia!
 Porém perder-te, ó Ceo! tu bem conheces,
 Que na minha balança peza menos

O mundo, que hum amigo!
 Tu inda ha pouco viste a maõ do Fado
 Arrancar-me pedaços das entranhas!
 Mas tua reflectão, tua presença

As chagas me curaraõ!
 Se se apaga o farol, que me guiava
 Nos impolados mares da fortuna,
 Acabarei, qual lenho espedaçado
 Dos ventos fibilantes!

O bem da humanidade te convida,
 Tu naõ es surdo á voz da natureza,
 Mas olha, que a Amizade he mui zelozã
 Da vista de seus filhos!

As nuvens vomitando accezos raios,
 Tremendo a terra nos antigos eixos,
 Naõ abalaõ minha alma, quanto a abala
 O susto de perder-te!

Mal sabe o avarento, quando a sorte
 Lhe furta d'entre os braços os tezuoros,
 Que inda ha no mundo mais terriveis scenas,
 Perdas mais lamentaveis!

Quem neste bosque emaranhado, e escuro,
 Ha-

Habitado por fordidos abuzos ,
 Me hade pôr no caminho embaraçado
 Da candida verdade ?

Tu no meio da noite tenebroza ,
 Eras a tocha da razaõ brilhante ,
 Que na borda dos ingremes penhascos
 Me evitava os perigos !

Eu tremo , ó Ceos , o coração se gela
 Irrissa-se o cabello , o sangue pára !
 Estes são nuncios da terrivel morte ,
 Sim a morte não tarda !

Mas ah que a voz do caro Freitas soa !
 „ Nos revoltosos mares da ventura ,
 „ O constante Varaõ arrosta firme
 „ Os vezinhos cachopos.

Sim eu sou homem ; se he dos homens todos
 Herança certa a morte trabalhosa ,
 Como estranho a partilha , que tem feito
 Commigo a natureza ?

Doce amigo , conserva na lembrança
 Amar a patria , ser o bem dos homens ;
 Morrer pelos amigos , deixar pura
 A posthuma memoria !

O D E S A P H I C A .

NÃO tenho lavras , nem possuo quintas ,
 Aonde colha , na fazaõ doirada ,
 Loiras espigas , robicundos pômos
 Para brindar-te.

Ricas alfaias , magestosos . tectos
 Não teve Homero , nem Virgilio os teve !
 As sacras Muzas habitar costumão
 Toscos alvergues.

Mas se tu queres amorosos versos,
 Puros dezejos , esperanças vivas ,
 De mim voando , nas pintadas azas
 Amor tas leva.

Ah não lhe mostres carregado o rosto
 Aperta-os meiga no nevado peito ,
 Sustenta-os terna , com sorrisos doces
 Amante os beija.

Em troco delles hum suspiro brando ,
 Ainda quente de teu vivo fogo ,
 Derreta o gelo , que em minha alma prendem
 Frios temores !

Magros receios , que piando agoirão
 Nublados dias , huma vez , batendo
 As negras azas , respirar me deixem
 Hum ar mais puro

Mortal não vejo , que ao soar teu nome
 O não respeite , como lei dos Fados !
 Se tu mandares , choverão prazeres
 Sobre meu peito !

Ah não desprezes infessantes rogos ,
 Que aos teus ouvidos , como verdes heras
 Se enrolaõ juntos , a pedir-te o premio
 Dos meus amores.

Não julgues , Marcia , que a beleza perdes ,
 Por não torrares com travessos olhos ,
 Nas crueis aras do mortal desprezo ,
 Puras finezas !

Venus formosa nada alcança irada !
 Porém se o pranto sua face orvalha ,
 Amaina as iras , que exsitára Juno
 No sacro Jove ?

O D E III.

E Ntre os braços da languida preguiça ;

Coroado de verdes dormideiras ,

Esgoto sequiozo o nectar doce

Do placido socego.

Ternos Amores, brincadoras Graças ,

Em roda de mim , soltaõ brandos himnos ;

Que entre hum bando de idéas amorosas

Me prendem os sentidos !

Ligada com prizoês de rubras flores ,

Tircêa no meu peito a face encosta ;

Receando acorda-la , me palpita

O coração com susto !

Em quanto dorme , fervidos dezejos

Apinhados nos ares , se conspiraõ

Contra o respeito , que acordado a zela ;

Qual Argos vigilante !

Os moles sonhos , levemente postos

Sobre a testa nevada , o véo desdobraõ

Em que a scena gostosa lhe apresentaõ

De futuros prazeres.

Em vivas esperanças engolfada ,

Dando credito aos sonhos , se espreguiça ;

E ao despertar , prendendo-me nos braços ;

Bem diz a fantasia !

O D E IV.

EM quanto involto
No meu tormento ,
Entrego queixas
Ao surdo vento ;

Tu sobre o leito
De moles flores ,
Que em torno cercaõ
Brandos amores ;

Pois que Iricina
Te enrama a frente ,
E Amor te inflama
Num estro ardente ;

Pinta huma Ninfa
D'olhos taõ bellos
Que a mesma Venus
Pafme de vê-los.

Pinta-lhe as faces
De lacar vivo ,
Raiando entre ellas
Hum rizo esquivo.

Finge que aos beiços,
De estranha graça ,
Branda ternura
Rindo se abraça.

Poem-lhe no colo ,
De Amor tezoiro ,
Sem ordem soltas
As tranças d'oiro.

Mas naõ , naõ pintes
A minha Amada ,
Que Amor ma furta ,
Se a vir pintada !

O D E V.

Guiaõ-te as Muzas
Ao sacro monte ,
E daõ-te a Lyra
D'Anacreonte.

No ar suspensos
Brandos Amores ,
Em quanto a afinas ,
Derramaõ flores.

Em roda as Graças
De ti voando ,
Com meigos rizos
Yaõ-te inspirando.

De Chipre a Deoza ;
Co'as maõs mimofas
Te cinge a frente
De myrto , e rozas.

Antes que toques ,
Num breve espaço
Añor te ensaia
Na Lyra o braço :

Em quanto cantas ,
Estaõ sahindo
D'entre teus beiços
As graças rindo.

Tu-

Tudo te mostra,
Doce cantor,
Quanto he ditozo,
Quem louva Amor!

O D E VI.

Todos os dotes
De mais belleza,
Que tinha ocultos
A natureza,
Dos aureos cofres
Amor furtou,
E unindo-os todos
Marcia formou.

Sahio-lhe a obra
Taõ rara, e bella,
Que Amor, formando-a,
Pasmou de vê-la!

Depois contente
Por lhe ter feito,
Taõ lindo o rosto,
Taõ alvo o peito,
Deu neste dia,
Geral perdaõ
Aos que gemiaõ
No seu grilhaõ.

Mas í' Amor terno
Todos soltou,
De novo Marcia
Os captivou!

O D E VII.

CAra Jozina
Teu lindo rosto,
Inspira n'alma
Suave gosto.

O Deus de Samo
Naõ he mais bello,
Nem tem mais loiro
O seu cabello.

Raia em teus olhos
Luz soberana,
Venus com tigo,
E Amor s' engana.
Rosto de neve,
Beiços Rozados,
Faces de lacar,
Dentes nevados,

Mimo das Graças,
D' Amor rival,
Naõ tens no mundo
Nenhuma igual!

E P I S T O L A

*Ao Illustrissimo Senhor Sebastião Jozé de Sam-Payo
Mello e Castro.*

Muitos, carò Sam-Payo, me perseguem ;
Que ao som da lyra nos meus versos cante
Varoës, que de Mavorte os passos fequem :

Porque Lizia de novo o mundo espante,
Querem, que d'entre as sombras do passado,
Hum terrivel Pereira se levante !

Mas não posso, Senhor, não me foi dado
O estro desses dois, que eternizáraõ
O Teucro piedozo, o Grego ouzado !

Inda as sabias Camenas não formáraõ
Para mim huma crôa, inda com ella
Minha frente groceira não ornáraõ.

Horacio, vigilante sentinela
D'aquelles, que o consultaõ noite e dia,
De graves precipicios m'acautela !

Se eu seguisse o furor, sem outra guia
Mais, que o cego dezejo, que m' inflama,
Que inormes produçoës, que abortaria !

Camoës, quando cantou o forte Gama,
Já tinha a calva fronte encanecida,
Já devia comprar vindoira fama.

Será Muza infeliz, a que insofrida
Seus vôos estender, por longos ares,
Sem que esteja de pennas revestida.

Rodiado de sustos, e pezares
Mil vezes se verá, o que atrevido
Sulcar aventureiro alheios mares.

Esse Monte, de loiros guarnecido ;
 Aonde as Filhas de Helicon habitão ,
 He por duros espinhos defendido.

Eu o vejo de cá , ellas me gritão ,
 E tendo-me mostrado a longa estrada ,
 De lá me chamaõ , a subir me insitaõ.

Mas eu meffo a distancia , e comparada
 Com a minha fraqueza , pasmo , e tremo ,
 E seu doce convite não me agrada.

Os riscos já conheço , os riscos temo ,
 E de ver tanta gente arrebatada ,
 Sentido do seu mal , commigo gemo

Se hum arte cautelozza fopeada
 Não tiver a fogoza natureza ,
 Em erros cahirá precipitada !

Ha versos , que já nascem com belleza ;
 Mas vem tais , que he preciso tornealos ,
 E lima-los de falhas , e dureza.

Outros vem , que o melhor será quebra-los ,
 Ou fundi-los de novo , ou ir com geito ,
 Sobre a dura bigorna , exprimenta-los.

Quem trabalha nas Artes , sem preceito ,
 Depois de muitas lidas , e suores ,
 Quanto fructo lhe nasce he com defeito.

Mas eu não dou preceitos ; mil Autores
 Desde os Gregos , the nós , já tem prescrito
 Sobre esta Arte divina as leis melhores.

Eu confesso , Senhor , que affás m^o irritado ;
 Quando vejo perder na tenra idade ,
 Hum bem nascido , delicado espirito !

Este fogo voráz da mocidade
 Deve ser moderado , mal rebenta ,
 Com as sérias liçoës da saã verdade.

Em vista deve ter todo o que inventa,
 Que ás vezes a abrazada fantazia
 Com disformes abortos nos contenta!

O escritor prudente até vigia,
 Para emendar nas horas focegadas,
 O que fez nos momentos de alegria.

Tanto custaõ no campo a ser obradaç
 Acçoõs grandes, ao lado de Mavorte,
 Quanto custaõ na Lyra a ser cantadas!

Aquelle, que levar álem da morte,
 Por armas, ou por versos sua gloria,
 Nada tem que invejar d' humana sorte.

Hum bom Poema, huma gentil victoria;
 Saõ os Numes só dignos de occuparem
 As santas aras d' immortal Memoria!

Se das suas venturas se lembrarem
 Achilles, e Homero juntamente,
 Tem a mesma razaõ de se jaçtarem!

O Poeta, que erguer no mundo a frente,
 Coroado dos loiros com a rama,
 Iguala ao Rey no folio reluzente.

Dezejozo, Senhor, desta alta fama,
 Já sobre os livros tenho ao Ceo rogado,
 Que talhando-me em vós hum novo Gama;
 Seja hum novo Camoõs de mim formado.

A Vós saudosas margens do Mondego ;
 Costumadas a ouvir de Ignez as queixas ,
 A vós afflicto o meu queixume entrego ,
 Que as minhas chagas saõ das mesmas flechas !
 E tu , Marilis , se he que tanto podes ,
 Ouve o meu pranto , já que não me acodes !

2.

Depois que Amor , usurpador tiranno
 Deste reinõ feliz da liberdade ,
 Vestido com as roupas do engano ,
 Sobre as aras corrutas da amizade ;
 Jurou fingidos votos de ternura ,
 Nunca mais vi o rosto da ventura !

3.

Não me queixo de ti , alma divina ,
 Pois que tu dos meus erros não tens culpa !
 De Amor-me queixo , porque a errar m' ensina ,
 E depois os meus erros não desculpa !
 Mas agradeça o impio á natureza
 O tronõ , que lhe deu sobre a fraqueza !

4.

Esta bruta fraqueza , que fundando
 Nos moles coraçõs seu reino austero ,
 Unida das paixõs ao torpe bando ,
 Maneata a razaõ ao carro fero ;
 Terrivel mal , insoportavel damno ,
 A que tem condemnado o peito humano !

5.

Sim , Marilis gentil , depois que amante ,
 Mas amante infeliz , amei teu rosto ,
 Naõ cahe sobre os meus dias hum instante ,
 Que naõ venha coberto de disgosto !
 A lugubre carreira de meus dias ,
 Vai tropeçando em novas agonias !

6.

Cada vez que me lembra esse momento ,
 Em que vi os teus olhos matadores ,
 Entre gestos de brando sentimento ,
 Prometendo ternissimos amores ,
 O peito sinto repassar de magoa ,
 O triste rosto se me arraza d'agua.

7.

Ah Marilis , Marilis ! quem diria ,
 Que hum amor só nutrido com brandura ,
 Tendo apenas nascido morreria ,
 Entre os braços cruentos d'amargura !
 Infelices de nós , somos forçados
 A servir mais ao mundo , do que aos Fados !

8.

Entrava a renovar em nossos peitos
 Esta doce paixãõ , que nos mantinha ;
 Já entre grossa chuva de respeitos
 Correndo para nós o medo vinha ,
 Semeando , entre candidos amores ,
 Suspeitas vivas , infieis temores.

Amor

9.

Amor, que noutro tempo apparecia,
 Entre esquadroes de rizo amoroso,
 Hoje tem por amavel companhia,
 Receios tristes, sustos pavorosos!
 Todo o prazer, que lhe animava o rosto,
 Tornou-se em sombra de mortal disosto!

10.

Aquella doce voz, com que entretidos,
 Largas horas nos tinha conversando,
 Transformou-se nos lugubres gemidos,
 Que vaõ dispersos pelo ar voando!
 The que oprimidos de mortal tormento,
 As azas fechaõ, exhalando o alento!

11.

Os clarissimos dias de ventura,
 Coroados de flores graciosas,
 Vieraõ terminar sua doçura
 Em noites de tristezas pavorosas!
 Nas quais, por entre o ceio do negrume,
 Fuzila ás vezes rabido ciume!

12.

Aquella doce fonte de ternura,
 Onde a sede de amor mal se fartava,
 Que vertia huma linfa doce, e pura,
 Que mais sede nas almas despertava,
 De todo se secou, morrendo á sede,
 Em vaõ este alimento o peito pede.

13.

Esta Scena feliz está cercando
Hum grosso véo de intoleraveis dores ;
Nosso ingrato destino vigiando ,
Sendo chéfe cruel de impios rigores ,
Promete aos Deozes , de se unir aos Fados ;
E fazer nossos dias desgraçados !

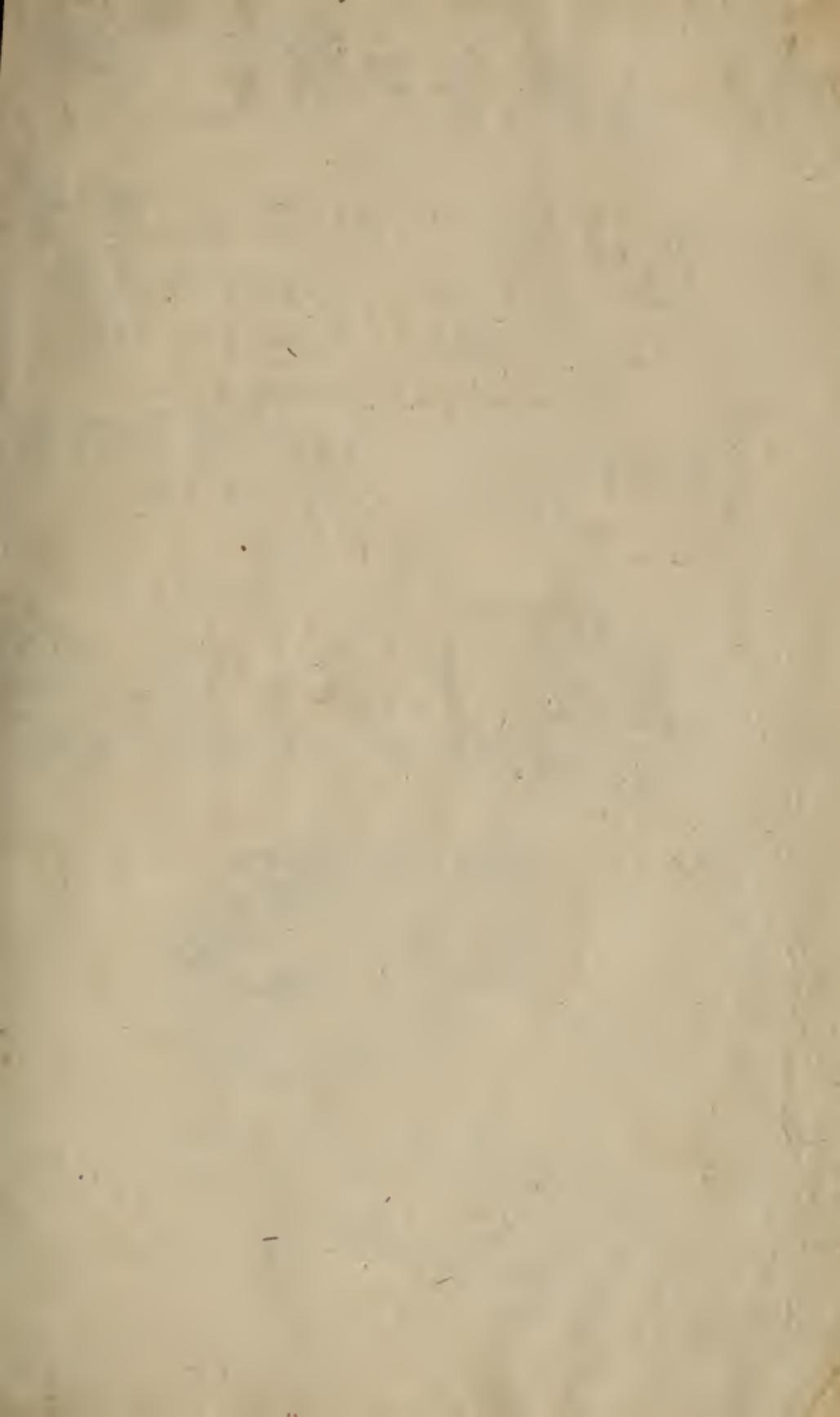
14.

Constancia, minha Amada , huma alma terna,
As iras , dos destinos poem de parte ,
Hum coração constante até governa
De Jove os raios , o furor de Marte !
A longa experiencia tem mostrado ,
Que póde mais Amor , que o duro Fado !

F I M.

The first part of the work
 is devoted to a general
 description of the
 country and its
 resources. It is
 followed by a
 detailed account of
 the principal
 towns and cities.

The second part of the work
 is devoted to a
 description of the
 principal towns and
 cities. It is
 followed by a
 detailed account of
 the principal
 towns and cities.



POESIAS

F. R. A. N. C. I. S. C. O.

M. A. N. O. E. L. L. O. S.

DE R. E. C. E. N. T. E. S.

DE S. E. C. U. L. O.

A. N. T. O. N. I. O. G. O. M. E. S.

DE S. E. C. U. L. O.

DE S. E. C. U. L. O.

DE S. E. C. U. L. O.

D. M. I. G. U. E. L.

A. N. T. O. N. I. O. G. O. M. E. S.

DE S. E. C. U. L. O.

2-11-36

